

REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 8

Agosto de 1918

Ano LXX

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*
Composição e impressão na TIPOGRAFIA UNIVERSAL
pertencente a *Coelho da Cunha Brito & C.ª* — Rua do Diário de Notícias, 78 — Lisboa



Coronel Rodolfo Guimarães

Pela segunda vez no corrente ano vem a Morte colher uma vitima entre o reduzido grupo de officiaes que constituem a Direcção da *Revista Militar*.

Após o coronel Nunes Gonçalves, a fatalidade vem, quasi de surpresa, roubar ao nosso convivio e aos labores diários da *Revista* o illustrado coronel de engenharia Rodolfo Ferreira Dias Guimarães, que desde Janeiro de 1916 exercia, com dedicação superior a todo o elogio, o cargo de Secretário da Direcção, como já anteriormente, e por mais de uma vez, o exercera a titulo interino.

Apezar da sua sempre debilitada saude, o nosso chorado camarada, dotado de grande actividade, consagrou-se sempre com o maior zelo e solicitude ao desempenho das funções inerentes àquele cargo, sendo seu constante anhelos que a publicação do nosso jornal se fizesse com a maior regularidade e o mais cedo possivel em cada mês, para o que se não poupava a trabalhos e esforços.

E assim o seu prematuro e inesperado falecimento, atinge-nos não só pela perda de um camarada de estimaveis qualidades de character, de um official inteligente e de vasta cultura, de um homem de sciência, de um matemático insigne, de reputação consagrada quer no país quer no estrangeiro, como também pelo desaparecimento de um distincto consocio da Empresa e prestimoso membro da Direcção, de um verdadeiro e

dedicado amigo da *Revista Militar*, a qual bastantes e apreciáveis serviços lhe fica devendo.

Pranteando a sua morte, a Direcção deixa expresso nestas breves palavras o profundo sentimento de pesar que a domina, e, por absoluta falta de tempo para o fazer desde já, reserva para um dos proximos números o merecido preito de homenagem que a *Revista Militar* deve à memória do saudoso e ilustre extinto.

A DIRECÇÃO



Coronel Rodolfo Guimarães



EPISÓDIOS DA GUERRA ACTUAL

O ataque alemão ao sector português, na batalha do Lys

Não é ocioso repetir, ser ainda inoportuno o momento para dar notícia precisa e profissionalmente autorizada acerca dos factos, que vão ocorrendo nos vários teatros da guerra, porque, para isso, não só não existem os documentos e depoimentos contraditórios, que tanto concorrem para explicar e esclarecer os acontecimentos, mas porque as próprias informações, que pârtem de qualquer dos exércitos contendores, são de sua natureza excessivamente concisas, e, as mais das vezes, transmitidas por correspondentes alheios à profissão das armas, que por esta causa as erram inconsideradamente.

Agrava o mal o modo como a censura exerce a sua missão, em alguns dos países directamente interessados na sorte da guerra, por isso que não permite a publicação de quaisquer episódios, em que a sorte tenha corrido desfavoravelmente para os próprios compatriotas, sem considerar que o primeiro elemento para manter ardente a fôrça moral dos combatentes lhes provirá sempre da própria Pátria, consistindo nos estímulos para o proseguimento da luta, quer nos momentos de glória, quer nos do infortúnio. E a qualidade desses estímulos não pode ser a mesma em qualquer das duas opostas hipóteses. Para que êles brotem coerentes e intensos, provocando devidamente as energias peculiares do carácter da raça, torna-se indispensável que a dedução dos factos ocorridos seja exposta com a melhor arte e a maior fidelidade e energia, para assim fazer brotar oportunamente nas massas populares ou o entusiasmo,

que deriva do triunfo, ou o espírito de resistência, que reclamam as vidas perdidas, o terreno cedido e o sangue derramado nos campos de batalha.

Não é simplesmente com apodos, injúrias ou logares comuns contra o inimigo, que se mantém intensamente vívido o espírito bélico de uma nação durante a guerra. A imaginação popular, para que se exalte, necessita conhecer com a adequada precisão o desenvolvimento de todas as principais peripécias da luta, sem o que se conservará como que alheia ao que ocorre longe de suas vistas, por mais trágicas que hajam sido as ocorrências.

Nos dias em que vivemos, para que a guerra se torne um elemento vivificador das nacionalidades, é indispensável que ela haja tido por fundamento, ou a realização de uma aspiração patriótica, devidamente preparada por longa e tenaz propaganda dos oradores e escritores mais notáveis ¹, ou a reacção contra o

¹ A historia demonstra como a presente doutrina tem sido sempre desvelada e intensamente desenvolvida, atravez dos seculos e em todas as regiões do mundo, sempre que houve, em qualquer destas, a necessidade de conseguir a evolução regressiva da mentalidade popular para a realização pela força de qualquer aspiração politica. Entre muitos outros, são modelares os exemplos, que passamos a citar:

Na historia antiga, Roma preparou a destruição de Cartago por uma intensa propaganda, da qual foi alma Catão o Antigo, que terminava todos os seus discursos, qualquer que fosse o assunto, com a conhecida frase: *Cæterum Carthaginem esse delundam* (E julgo, além disso, que Cartago deve ser destruida).

Na Edade Media, a primeira cruzada foi planeada, sob a influencia do Papa Urbano II, e teve em Pedro o Eremita o mais ardente e eloquente propugnador, o qual levou a sua palavra inspirada a todos os dominios da cristandade.

Na historia moderna, o despertamento do patriotismo alemão, depois da invasão de Napoleão I, foi incitado pela mais tenaz, quente e vigorosa evangelização, na qual tomaram parte pela palavra falada ou escrita, em prosa ou verso, os espíritos nacionais mais cultos, e entre os quais se distinguiu o grande filosofo Fichte pela iniciativa pessoal e larga acção desenvolvida como professor da Universidade de Berlin, a qual se constituiu em ardente fóco de patriotismo.

Na historia contemporanea, além da famosa campanha do *Risorgimento*, empreendida por Carvour, Garibaldi, Mazzini e tantos outros grandes patriotas, para conseguir a unificação da Italia, e renovada nos ultimos anos pelo partido nacionalista, outro exemplo não menos eloquente se oferece com a guerra, que vai travada, na qual a Alemanha se defronta contra o mundo

propósito de afronta ou conquista do torrão pátrio, evidenciado por outro país. E. para que o espírito de combatividade, assim despertado, se mantenha depois sempre ardente, indispensável se torna que seja incessantemente alimentado, não já por banais palavras, mas pela própria evidência dos factos, ou triunfais ou desastrosos, que são os que têm o poder de exaltar a psicologia da raça, acordando os adormecidos caracteres ancestrais. A transformação moral a empreender na estrutura mental do povo, importa então uma evolução regressiva, tendente a neutralizar a que rege no estado de paz, que é de natureza ascendente, mais adequada à cultura das doutrinas pacifistas. É uma reacção de tal natureza só se consegue fazendo vibrar intensamente as paixões, as quais, melhor e mais profundamente do que por simples palavras, se excitam pela invocação dos actos que representam glória ou infortúnio, nas nações sãs e onde o patriotismo tem sido devidamente cultivado, quer nas escolas, quer no lar doméstico, como a primeira das forças sociais ¹.

Não foi encobrendo as violências exercidas e os triunfos obtidos pelos granadeiros de Napoleão, que os herois da guerra peninsular conseguiram libertar as nações portugueza e espanhola por aquêles esmagadas e escravizadas. Ao contrário, foi revelando êsses actos de barbárie e despotismo, que se conseguiu o despertamento da alma popular nas duas nacionalidades peninsulares. Circunscrevendo as presentes considerações ao nosso país, recordaremos que, emquanto o govêrno do Príncipe Regente escondia a notícia da marcha invasora das tropas do General Junot, ou mandava que estas fôsem recebidas como amigas, a alma nacional persistia em tal estado de desânimo, que foi lícito àquêle caudilho atravessar as ruas de Lisboa, no

inteiro, devido á politica de expansão, tão poderosamente sustentada pelo partido pangermanista, do qual é um dos mais activos e ferrenhos evangelistas o almirante von Tirpitz.

¹No sentido exposto, o que temos lido que mais se conforma com o proposito de fazer vibrar a alma nacional no sentido regressivo, procurando empenha-la no proposito de desforço pelas violencias sofridas, é o curto, mas preciso e emocionante artigo, publicado pelo nosso camarada o sr. General Gomes da Costa na *Ilustração Portuguesa* n.º 648, de 22 de julho ultimo, que nos permitiu esclarecer pontos obscuros da batalha de 9 de agosto, contidos no artigo do jornal francês, do qual, ao deante, fazemos largo e fiel extracto.

dia da sua chegada, escoltado pelos soldados nossos compatriotas, visto como êle se havia adiantado, quasi isolado, às tropas do seu próprio comando. No dia, porém, em que os cidadãos portugueses viram os seus lares invadidos, os seus campos talados, a sua liberdade oprimida e ameaçada a vida dos pais, filhos, irmãos e amigos, desprezaram inteiramente as proclamações pacifistas, que o reinante lhes havia deixado, para se lançarem no campo da luta com o vigor e a ardência, que sempre haviam distinguido e nobilitado os ancestrais. Havia-se operado a evolução regressiva na alma nacional, e a alavanca que havia conseguido realizar êsse grandíssimo esforço não foi o silêncio, mas a evidenciação dos factos, que representavam para a nossa nacionalidade a hora trágica, e, em vez de promoverem desalento, causaram a irritação e a sêde ardente de desforço.

A guerra afastada do sólo pátrio, se tem vantágens materiais de subida importância, em contraposição, sob o ponto de vista do desenvolvimento das forças morais pátrias, possui assinalados inconvenientes. Se fôsse mister apresentar um exemplo comprovativo da verdade, condensada em tal asserção, facilmente êle poderia ser encontrado, também, na nossa história militar moderna, examinando o sucedido com a Legião Lusitana, mandada sair por Junot de Portugal, em 1808, sob o comando do tenente general Marquês de Alorna. A organização e partida dessa legião, comoveu indubitavelmente a alma nacional, e foi uma das causas do seu ressurgimento, mas essa página da nossa história é das menos vulgarizadas, por que não conseguiu suscitar a atenção pública, que não foi despertada pela publicidade, como succedeu com outros factos militares de mais reduzida importância, mas que sobrelevaram àquêle por haverem ocorrido no próprio sólo nacional, pelo que podêram sêr devidamente apreciados por todos os cidadãos.

Ora, reconhecido o inconveniente, torna-se indispensável reduzir-lhe o alcance por meio de adequada propaganda, não de simples palavriado, mas consistente em reproduzir fielmente perante os que aqui ficáram, não só os heroísmos, mas os perigos e desventuras sofridas pelos que, em terras longíquas, se constituíram os dignos representantes das glórias pátrias. Raça essencialmente sentimentalista, como a nossa é, torna-se indispensável interessá-la na sorte da guerra, não só despertando-lhe as virtudes altruistas, o que é muito, mas mais

larga e intensamente ainda as paixões varonís, que são as únicas que asseguram a victoria. Para a expansão daquelas, tem a mulher a missão principal, com as inúmeras festividades em que éla se constitui como atrativo predominante, seja pelas graças com que a natureza a dotou, seja pelas artes com que a educação ainda mais a tenha valorizado.

Ao homem fica naturalmente reservada a missão de despertar as paixões varonís, de manter vivos e ardentes os sentimentos patrióticos, de prégar a cruzada bélica, enquanto o triunfo final não tem engrinaldado de louros as bandeiras e estandartes nacionais.

O primeiro elemento, que se lhe torna essencial para desempenhar inteligente e proveitosamente êste dever, é adquirir notícia precisa e ampla do que vai ocorrendo no teatro da guerra.

Com êste fim se facilitam nos exércitos, em que a questão moral assim é compreendida, as visitas dos correspondentes dos jornais aos vários teatros da guerra, comunicando-lhes tudo quanto seja conducente ao fim exposto, interceptando-lhes a vista, ou comprometendo-os a guardar silencio, apenas sôbre os factos de que podem resultar perigos para a segurança das tropas ou para a execução de planos preconcebidos.

No nosso país, não só a censura da imprensa tem sido mais apertada, dificultando a publicidade de factos largamente reproduzidos nos jornais, opúsculos e livros das outras nações combatentes, mas não tem sido raras as queixas dos correspondentes de guerra ácerca dos impedimentos, que lhes são postos para o exercício das suas missões, referindo que nada de análogo encontráram nos países e acampamentos aliados, que visitáram. Não temos escrúpulo em admitir que a restrição haja sido fundada em motivos suasórios, que aliás desconhecemos, mas isso não impede que lamentemos a ocorrência das circunstâncias, que obrigáram a tal procedimento, não nos inspirando em tal sentir motivos pessoais, fundados em paixões de qualquer natureza, mas restritamente a convicção de que só é forte o exército que julga consubstanciada em si a alma nacional, para o que se torna indispensável estabelecer a mais perfeita comunidade nos espíritos dos que ficaram nos seus lares com os dos que combatem nas regiões longiquas, comunidade que só se tornará real quando aquêles tiverem o conhecimento fiel dos factos, que vão ocorrendo no teatro da guerra.

As reservas impostas até possuem o inconveniente de cercar o brilho aos actos mais valorosos. Nos diferentes — «Quadros de honra» — regista a imprensa diáriamente casos, que não só enobrecem as individualidades, que os têm praticado, mas o exército de que elas fazem parte. Mas esses factos assumem a aparência de simples télas às quais faltem as molduras, que lhes dariam o devido realce. Referimo-nos, na omissão apontada, á descrição dos episódios bélicos em que esses diferentes actos de heroísmo foram exercidos, os quais devem constar de relatórios de combate, prescritos pelo respectivo regulamento de serviço de campanha, mas inteiramente desconhecidos. Como notas para lançar nos registos individuais, aquellas descrições satisfazem ao seu fim; como elementos destinados a emocionar a alma nacional, não conseguem atingir o alvo vizado. Porquê? Porque a nação desconhece inteiramente o episódio bélico em que cada um desses rasgos de heroísmo deve ser integrado, cuja narrativa fica sepultada no pó dos arquivos.

Para melhor evidenciar o nosso pensamento, vamos tentar dar uma pálida ideia do mais cruento e trágico dos episódios dessa natureza, em que o Corpo Expedicionário Português se tem encontrado, desde que piza o sólo da França. «Pálida ideia» escrevemos, porque não encontramos, no presente momento, outra frásé que, mais apropriadamente, possa representar quanto as nossas modestas palayras estão longe de reproduzir a magestade dos factos ocorridos. Em primeiro lugar, exigiam êles, para serem convenientemente descritos, uma dessas penas brilhantes, que honram a literatura de uma nação e glorificam o espírito humano. Seguidamente, necessitavam a meditada consulta de todos os documentos officiais relativos ao caso, bem como informações pessoais dos camaradas, que se encontráram no terrível lance. Como se não bastasse, porém, a modéstia de recursos próprios para dificultar o desempenho da missão, que nos propuzémos executar, nenhum documento official, e só poucas informações pessoais, nos foi possível obter para melhor esclarecimento do episódio visado. Mão amiga, mas desconhecida, nos enviou o jornal publicado em Boulogne-sur-mer ¹, e intitu-

¹ Boulogne-sur-mer, cidade do departamento francês do Passo de Calais, e porto no Mar da Mancha. É neste departamento, cuja capital é Arras, que

lado *Le Télégramme*, n.º 7:706 de 4 de maio último, no qual sob o título de — «**Os exércitos de Portugal. Quatro brigadas heróicas. Os artilheiros lutaram à baioneta**» — vem descrito o referido episódio. O remetente fez justiça ao nosso carácter, supondo que não ficaríamos silenciosos ao lêr essa descrição, em que tanto se dignifica o heroísmo dos nossos camaradas, lançando para o lado com indiferença, após a sua leitura, o jornal que a continha. Se na mocidade o merecimento alheio só nos serviu para lhe render culto, não seria agora, em plena decadência da vida, que renegariamos tal passado, que tão justo orgulho e tranquilidade nos causa ao espírito, seguindo por caminho diferente. Assim, apoiado naquêlê documento e no artigo precedentemente aludido do sr. General Gomes da Costa, do qual só tivemos conhecimento quando o presente escrito estava em provas, auxiliado por curtas mas prestimosas notícias, a cujos autores aqui deixámos consignado o nosso agradecimento, bem como em dados colhidos em um ou outro jornal estrangeiro, vamos procurar descrever a acção de 9 de Abril, sem lhe garantir, porém, a mais perfeita autenticidade, vistas as razões precedentemente alegadas.

Antes, porém, para melhor elucidação do assunto, convém apresentar alguns esclarecimentos ácerca da situação militar criada no teatro da guerra ocidental. Mas tentaremos fazê-lo sempre com as devidas reservas, sem aventar hipóteses que não sejam justificadas pelos princípios da boa razão, e sem pretender aduzir concepções ou doutrinas estratégicas ou tácticas, que a crueza dos factos se encarregaria de destruir de um momento para o outro. Como sensata e doutamente escrevia bem recentemente um distinto escritor militar do país vizinho, a característica da presente guerra é a negação constante das antigas doutrinas e a contradição das teorías sancionadas pela experiência. A retirada de qualquer dos exércitos jámais é explorada pelo adversário; todas as facilidades que á guerra pres-

esteve situado o sector occupado pelas tropas portuguezas, cuja planta já tem sido reproduzida nos jornais nacionais. Pelas proximidades daquela cidade do teatro da luta, e pelo teor do artigo aludido, torna-se licito deduzir que as informações nêle dadas, hajam sido comunicadas por algum nosso compatriota, que houvesse tomado parte na batalha, posto que o artigo seja devido à pena de M. Edmundo Equoy.

tam os progressos das sciências e das indústrias, mais parecem tendentes a dificultar as soluções, eliminando-lhes todo o carácter resolutivo, do que auxiliares para o comando na realização dos seus planos. Os exércitos perderam a sua elasticidade, a sua mobilidade; são máquinas de tal potência e peso, que ao generalíssimo se torna da maior dificuldade movê-las rapidamente, como outrora.

É assim que sucede nada deter o primeiro impulso dos ataques; mas, consumados estes, torna-se certa uma acentuada pausa. Se as ofensivas representassem, como nos tempos históricos anteriores, uma sucessão ininterrupta de actos equivalentes áquêles primeiros impulsos, a guerra já estava terminada. Mas, não é assim que tem sucedido, e não é apenas a reacção atribuída ao valôr e heroísmo desenvolvidos nos adversários, ou ás dificuldades do transito, devidas á completa destruição e revolvimento do terreno pelos projecteis da artilharia de grosso calibre, que o facto deve ser attribuído. Os actuais maquinismos militares, denominados exércitos, ao contrário dos empregados nas indústrias, que uma creança movimenta, possuem dificuldades insuperáveis de manobra, devidas às massas consideráveis de pessoal, animal e material de que são compostos, tornando mais applicavel, do que no tempo em que foi pronunciada, a seguinte asserção de Frederico II, que ainda recentemente expozemos nestas colunas ¹: — «Dêsde que a arte da guerra se aperfeçoou, e que a política soube organizar o equilibrio de fôrças entre os príncipes, as grandes empresas só raramente conseguem atingir os efeitos, que délas se aguardavam. Com fôrças iguais de ambos os lados, e a correlativa alternativa de revêzes e triunfos, succede que, no fim da guerra, por mais encarniçada que éla seja, os adversários se encontram quási que no estado em que estavam, quando éla teve começo. O esgotamento das finanças acaba por conseguir a paz, que deveria ser motivada pelo espirito humanitário, e não pelas exigências de tal facto —».

Bem recentemente, quando no Reichstag se discutia o tratado de paz com a Romenia, o ministro dos negócios estrangeiros alemão, von Kuhlmann, confirmou, no discurso que en-

¹ Episódios da guerra actual. A política de defecção da Rússia através da história — *Revista Militar*, n.º 6, de junho de 1918.

tão pronunciou ¹, a presente doutrina em mais breves palavras, dizendo estar convencido não haver procedimento militar que, por si só, consiga terminar a presente guerra. E Naumann, o notável autor da famosa obra *Mitteleuropa* ², acrescentou em outro discurso, que o referido ministro dos negócios estrangeiros mandou telegrafar na íntegra para Amsterdam, afim de ser devidamente conhecido no estrangeiro, — «ser partidário de uma paz necessária, visto compreender a impossibilidade de uma completa vitória alemã, acrescentando que centenas de milhares de soldados alemães pensavam como Kuhlmann, e já estavam descontentes de tantas promessas da «vitória para breve», como as que lhes haviam sido feitas —».

Não obstante, por motivos de ordem diferente, que se tornaria prolixo expôr no presente momento, mas que são de fácil intuição para quem fizer uma ideia clara da presente situação interna dos dois Impérios aliados, a Alemanha necessita terminar a guerra o mais brevemente possível, com uma vitória formal ou, quando menos, colocando a França e a Inglaterra em transe da maior dificuldade, antes da anunciada entrada em acção do grosso das tropas americanas. Se assim não succeder, as dificuldades com que o Império terá a lutar serão

¹ Em virtude do referido discurso, o partido pangermanista exigiu a sua demissão do cargo, que êle se viu obrigado a solicitar, e o Imperador aceitou, substituindo-o, segundo comunicou o telégrafo, pelo almirante e antigo diplomata von Hintze. Outro telegrama de Londres, posterior á data da sua exoneração, diz que um amigo íntimo de von Kuhlmann declarara, que este estava profundamente convencido de que o Estado Maior alemão não alcançaria a victoria. A actual ofensiva ainda se poderá prolongar durante o praso de seis semanas, aproximadamente, mas sem nada lograr de decisivo em favor da Alemanha. E o exercito ficará em perigoso estado de depauperamento, que poderá coagir o alto comando a pronunciar a retirada para posições, onde aquele melhor se possa concentrar e recobrar novas forças.

² Frederico Naumann, antigo chefe do partido nacional-social e presentemente um dos mais notáveis membros da União Democrática (*Freisinnige Vereinigung*). Apesar de não tomar parte freqüentemente nas discussões parlamentares, ou talvez por esse mesmo facto, os seus discursos constituem sempre notável ocorrência parlamentar. Para isto muito concorre a sua personalidade original, o seu talento, a sua autoridade e a sua reputação. A técnica brilhante, que presidiu á elaboração do livro citado, justifica o esgotamento, que tiveram várias edições de milhares de exemplares, e a sua tradução em húngaro, francês, inglês, russo, etc.

insuperáveis, tanto mais que a Austria-Hungria cada dia se mostra mais trabalhada pelas paixões políticas adversas à guerra.

Dois recursos, parece, se oferecem à Alemanha para conseguir o fim exposto: aniquilar os exércitos francês e inglês, impondo-lhes à força o tratado de paz, ou construir um baluarte defensivo, perante cuja sólida resistência hajam de ficar, senão destruídas, pelo menos esgotadas as legiões, que a América se preparava a expedir sucessivamente para a França, e já atingem mais de um milhão de homens.

Os factos ocorridos na presente guerra, e designadamente nos últimos combates, devem ter convencido, porém, os alemães de que, a não concorrerem circunstâncias imprevistas, não lhes será fácil destruir os exércitos inimigos, e que, a cada esforço para esse fim produzido, o esgotamento das próprias forças sobrelevará ao dos adversários. As palavras citadas de duas autoridades, como Kuhlmann e Naumann, são uma revelação deste sentir.

Não obstante, antes de usar o segundo recurso, e enquanto não actuarem em cheio as legiões americanas, os alemães, conhecendo bem o imutável princípio estratégico de ser mais fácil bater o inimigo por esforços parciais do que em conjunto, têm empregado sempre, desde o começo da presente guerra, o processo de fazer frente ao avanço do adversário em determinado teatro da guerra, construindo e defendendo nêle uma forte linha de posições, enquanto noutro teatro concentram as suas principais forças no intuito de aniquilar o inimigo, que o ocupa, por uma enérgica ofensiva. Assim procederam em França, quando procuravam esmagar a Rússia; na Rússia, quando intentaram destruir a Sérvia e o Montenegro.

A análogo processo recorrem agora para procurar vencer as tropas aliadas, que ocupam a frente do teatro ocidental da guerra. Ao longo dessa linha, ora num ponto, ora noutro, vão despedindo golpes titânicos sucessivos, tendentes a esmagar cada um dos exércitos aliados, que a ocupam.

Seríamos, como já fizemos compreender ao leitor, sobre petulantes, insensatos, se pretendessemos convencê-lo de que havíamos devassado os intentos do plano do Estado Maior General alemão, na seqüência das batalhas feridas na frente ocidental, desde a do Somme, ou de Ipres, como alguns a denominam, travada de 21 a 31 de março do corrente ano. Mas,

colocando-nos no grupo dos observadores, que julgam haver sido o intento do referido Estado Maior fazer uma incursão no território francês, em direcção a Amiens, com o fim de cortar aquéla frente, por modo a arrojar o exército inglês sobre a costa, separando-o assim inteiramente do exército francês, crêmos não cometer heresia estratégica, incompatível com a elevação de critério do referido Estado Maior. Realizado êste plano, o exército anglo-luso-belga ficaria em uma situação grave, por ser tão estreito o espaço compreendido entre a sua frente e a costa, que difficilmente permitiria uma retirada ordenada. Logo a seguir, tentaria o invasor aproximar-se de Paris, colocando-se em situação de acometer vantajosamente os exércitos incumbidos da defesa desta capital ¹. Se foi efectivamente êste o plano concebido, os factos provam que a sua execução falhou inteiramente.

Os alemães conseguiram, efectivamente, produzir duas grandes *mossas* na frente dos aliados, mas o que não realizaram foi a consumação do fim principal a que miravam: abrir uma solução de continuidade entre os exércitos adversários. Demais, Amiens tinha para os generais alemães um grande excitativo da sua cobiça, qual o encerrar nos seus depósitos todo o centro de abastecimento inglês. O primeiro escalão dêste serviço reside no porto de Boulogne-sur-mer, que é considerado a séde do motôr da corrente administrativa da frente anglo-belga-portuguêsa. Mas Calais não lhe cede na riqueza de material armazenado e Dunkerque é quasi o Gibraltar das costas francêsas do norte. Se houvesse vingado, o que supômos ser o plano alemão, a sorte da guerra apresentaria nêste momento uma terrível fase para os aliados. Pois ainda esta segunda miragem, como as do Grande Sahara, desapareceu como por encanto.

A resistêcia empregada pelo general Douglas e as prontas e adequadas providências do general Foch, não permitiram

¹ Ha quem opine que o proposito do Estado Maior consiste, não em si-tiar Paris, mas em aproximar-se, tanto quanto possivel, desta capital, para a bombardear com grossa artilharia, e isto porque Paris tem hoje tal perimetro de fortificações, e tão poderosas, que para realizar o seu cerco, ou para o investimento, seriam indisputaveis muitas centenas de milhares de soldados, o que se tornaria irrealizavel sem a previa destruição dos exercitos aliados.

aos alemães a realização do seu intento. E, êstes viram que o seu esforço conseguira, uma grande vantagem para os aliados, a qual estas não haviam obtido, durante quatro anos, com as mais pertinazes diligências diplomáticas: estabelecer a unidade de comando nos respectivos exércitos. Foi só perante a gravíssima situação, criada pelas grandes batalhas feridas pelos alemães, que tiveram princípio em 21 de março, que todos os governos interessados acordaram em confiar ao general Foch as funções de generalíssimo dos exércitos aliados.

É avaliado em 1.500:000 homens, por autorizados críticos franceses, o efectivo reunido pelo invasôr no seu flanco direito, dotado de material de artilharia tão numeroso como poucas vezes tem sido constituído, destinado a produzir a rutura da frente anglo-francesa. Graças a tais recursos, conseguiu aquêlê, na batalha do Somme, travada de 21 a 29 de março, levar as avançadas a mais de 50 quilómetros, termo médio, das suas bases de abastecimento. Mas êste violento esforço só foi conseguido à custa de perdas por tal modo numerosas, que não falta quem eleve de 50 a 70 % as baixas ocorridas em muitas unidades. Êste facto, a dispersão das tropas, natural em refrega tão grandiosa, as dificuldades de provêr à subsistência dos sobreviventes áquêlê famoso morticínio, vista a distância a que haviam ficado os centros de aprovisionamento e o revolvimento do terreno, como se um formidavel vulcão houvesse surgido inopinadamente, inundando a terra de lavas e precipícios colossais, obrigaram os invasôres a fazer um compasso de espera no terreno conquistado.

Após essa batalha de larga envergadura, entendeu o Estado Maior General, conveniente proseguir na execução do seu plano, mas em sectores diferentes e mais limitados, sem diminuir, contudo, a violência do ataque, nem alterar o objectivo visado ¹. Á ala direita dos exércitos do comando do príncipe da Baviera foi incumbida a direcção da nova operação, executada na ba-

¹ Nutrem os franceses a convicção de que o plano germanico, o decisivo, o principal, se não desenvolverá já pelo Norte, realizando o corte da frente aliada na direcção de Amiens, e arremessando sobre a costa o exercito luso-anglo-belga, mas será efectivado pelo Marne, procurando envolver Paris pelo Sul, seguindo o caminho da Chateau-Thierry sobre a capital. Nesta hipotese ainda se torna essencial a destruição previa dos exercitos aliados. Depois de escrita esta nota, os factos vieram justificar não serem erradas as previsões aludidas.

talha denominada do Lys¹, que durou de 9 a 19 de abril. Parece que o plano, a que êsse movimento era subordinado, consistia em abrir uma larga clareira entre Béthune e Ypres, na direcção de Hazebrouck-Saint-Omer. Se a exploração estratégica o aconselhasse, seria ainda tentada a conquista do famoso saliente de Ypres e a repulsão das forças luso-anglo-belgas sobre Dunkerque e Calais, colocando-as nas já aludidas condições críticas. Depois, por uma conversão à esquerda, o ataque pronunciar-se-ia sobre Béthune-Lille, assegurando o domínio da região carbonífera do Passo de Calais².

A execução dêste plano foi iniciada por um violento ataque entre Armentières e o canal de La Bassée, zona esta na qual estava constituído o sector português. Houve quem dissêsse na imprensa estrangeira, que presidira ao facto a ideia de que os portugueses oporiam menor resistêcia do que os ingleses, mas esta injusta e desagradável insídia foi logo repelida pelo esclarecido redactor militar de um jornal espanhol de larga circulação³, que honrando o valôr, característico dos portugueses, sustentou a boa doutrina táctica, a qual é a de que os alemães não escolhem o adversário, mas sim o adequado logar topográfico adaptado para os seus ataques. Cometeríamos, porém, grave omissão se não deixássemos exarado nestas páginas o reconhecimento devido ao esclarecido jornalista, pela sua intervenção em sustentação da honra e brio dos soldados portugueses.

E, encetando a descrição do episódio, que constituiu o início, em 9 de abril, da batalha do Lys, seguiremos agora, tão fielmente quanto nos seja possível, a exposição feita por M. Edmundo Equoy, no artigo citado do jornal *Le Telegramme*⁴.

¹ A região, onde a batalha foi travada, toma o nome do rio Lys, que a atravessa, e é um afluente do Escalda, cujo percurso é superior a 200 km., e se estende pela Belgica e França. Pelo fim a que visava, ha quem denomine, aquela batalha, mas impropriamente, — de Amiens.

² O sr. General Gomes da Costa diz haver sido o objectivo do ataque alemão a linha Bois Grenier—Fleurbaix—Lys—Canal de la Bassée.

³ «La Situacion militar». *El Imparcial*, n.º 18:379, de 11 de abril de 1918.

⁴ É fácil vérificar que a descrição está muito incompleta, restringindo-se apenas ao logar ocupado pelos batalhões citados, de algum dos quais deve ter feito parte o informante, porquanto dos «Quadros de honra» publicados

Logo ao alvorecer daquêlê dia, encontrávam-se guarnecendo as trincheiras do sector portuguez, que se estendia de Laventie a Richeburgo, quatro brigadas de tropas nacionais, das quais três em primeira linha e a restante na segunda. Segundo narra o sr. General Gomes da Costa no interessante artigo precedentemente referido, a frente portuguesa, que se estendia por 12 quilómetros, era guarnecida pela 2.^a divisão do C. E. P., no seguinte dispositivo:

1.^a linha: infantaria 8, 20, 2, 1, 17 e 10;

Apoio: inf. 29, 11 e 14;

Reserva: inf. 3, 5 e 13.

Linha de Aldeias: inf. 9, 12, 14 e 13, que constituíam a 3.^a brigada, a qual fôra rendida no sector de Fauquissart, no dia 8, pela 6.^a, de forma que nem esta conhecia bem o seu sector, nem a 3.^a a Village Line. A este inconveniente acrescia estar a divisão para ser rendida por outra britânica, o que a todo o momento se aguardava, pelo que a situação tinha character muito instavel.

O ataque foi iniciado, às 20 horas do dia 8, suspenso á 1 hora de 9, e logo continuado ás 4 e 15^m, por uma formidável preparação de artilharia, que os técnicos asseveraram ter sido ainda superior à realizada na batalha do Somme. Mais de 30:000 granadas de gazes, tornáram a atmosphêra do campo da luta absolutamente irrespirável. A nossa artilharia correspondeu com o costumado brio, mas a superioridade da do inimigo era dez vezes maior, inutilizando a maioria das nossas peças, tornando impossivel o remunicionamento das restantes e batendo por tal modo as duas primeiras linhas de entrincheiramentos da infantaria, que, ás 7 horas, aquelas estavam convertidas em massas de escombros.

Estando assim chegado o momento, que reputáram oportuno, os alemães lançáram contra as nossas posições não menos de quatro das suas melhores divisões, constituindo o que

se demonstra ter havido unidades que, ainda dias depois do inicio da batalha, designadamente em 11, se batiam tenaz e corajosamente em outras posições do teatro da luta. Devem ter sido aquelas as que constituíam a brigada de reserva e quaisquer outras que, por ventura, houvessem logrado força o envolvimento—«na ancia desesperada de abrir caminho atravez das massas alemãs»—como narrou precisamente o sr. General Gomes da Costa.

êles denominam «vagas de assalto». Contra essas formidáveis avalanches humanas resistiram as nossas tropas, empregando fogos certos e mortíferos. Por cima dos adversários, que caíam sem vida, surgiam outros e outros, sempre em avanços contínuos, até chegarem à luta corpo a corpo, verdadeiramente selvágem, em que a baioneta desempenhou a função principal.

Para que os defensores das trincheiras as abandonassem, foi necessário que os alemães os houvessem flanqueado, atacando-os, não sómente pela frente, mas pela direita e pela esquerda ¹.

A resistência empregada avalia-se devidamente pelo conhecimento das baixas sofridas. Houve batalhões que se bateram enquanto tiveram oficiais para dirigir a luta e munições para consumir ².

Companhias inteiras, como a 9.^a e 10.^a de infantaria 11 e outras, bateram-se, mesmo depois de envolvidas, até não restar um homem de pé. Aquélas unidades, e até pelotões isolados e dizimados, contra-atacaram á baioneta com fúria, na ancia de-

¹ Ocorreu este facto, segundo narra o sr. General Gomes da Costa, porque, no nosso flanco direito, uma divisão alemã completa atacou e penetrou pelo intervalo existente entre aquele e o flanco esquerdo britânico, e, ao passo que parte dela envolvia a nossa primeira linha, atacando-a pela retaguarda, a outra parte acometeu o Quartel General da 3.^a brigada, matando ou apresionando quantos nela se encontravam, designadamente o Coronel Martins e tenente-coronel Craveiro Lopes.

No flanco esquerdo deu-se analogo episodio, não obstante a attitude assumida por inf. 8, que heroicamente procurou obstar ao avanço inimigo.

O nevoeiro, que reinava e não permitia levar a visão além de 50^m, como afirma o sr. General Tamagnini, facilitou o movimento alemão descrito, tanto mais seguro quanto que ao inimigo não seria desconhecida a falta de eficaz resistencia, que encontraria nos dois trajectos que seguiu, a qual é de facil explicação em linhas continuas, cujos troços são defendidos por tropas de diferente nacionalidade e comandos distintos.

² Asseguram-nos não serem ainda conhecidos elementos precisos e autorizados, que indiquem a natureza e numero de baixas ocorridas no combate de 9 de abril, ás quais se refere o comandante do C. E. P. no telegrama, que, mais adiante, reproduzimos. Ha officiais, que figuram no jornal officia] como mortos nesse combate, que estão vivos, embora presioneiros, tendo escrito a suas familias dos depositos alemães, onde se encontram. Não obstante, o comandante da divisão sr. Gomes da Costa afirma que as perdas sofridas se elevaram a 327 officiais e 7.000 praças.

Das listas de presioneiros, existentes em Lisboa, não se pódem verificar as baixas ocorridas nas varias unidades, por haver officiais e praças, que faziam serviço em corpos diferentes daquelles a cujos quadros pertenciam.

esperada de abrir caminho atravez das massas alemãs, segundo afirma o Comandante da divisão de que tais forças faziam parte.

O batalhão n.º 2, que tinha a séde em Lisboa, ficou reduzido apenas a algumas praças; todos os officiaes haviam ficado mortos, ou feridos, figurando entre os primeiros, o capitão Américo Olavo, deputado, que succumbiu como um heroi à frente da sua companhia ¹.

O batalhão n.º 17, cujo quartel era em Beja, perdeu, como aquêlê, além de todos os officiaes, mortos ou feridos ², as metralhadoras, depois de haver produzido formidáveis baixas nas fileiras inimigas.

O batalhão n.º 15, aquartelado em Tomar ³, e o n.º 13, em Vila Real, fizeram-se igualmente massacrar, para deter o avanço do inimigo, levando o seu heroísmo aos últimos extremos. Depois de gravemente ferido, ainda o comandante do 13 ⁴ matou com uma espingarda o seu agressor e três ou quatro soldados

¹ Do batalhão de infantaria n.º 2 só ha noticia de 4 officiaes mortos e varios presoneiros ou desaparecidos. O capitão Américo Olavo não morreu; está presoneiro. O leitor terá comprehendido que, no texto, seguimos os informadores do ocorrido na batalha, reservando para as notas as rectificações applicaveis.

² Todos os officiaes de infantaria n.º 17 parece estarem presoneiros, incluindo o seu comandante, que era o major José Augusto Duque.

³ O batalhão de infantaria n.º 15 parece que fazia parte da 3.ª brigada de infantaria, como apoio. Do modo distinto como haviam procedido, em ataques anteriores, não sómente infantaria n.º 15, mas outros corpos das tropas expedicionarias, dá testemunho o seguinte telegrama do comandante do 1.º exercito britânico:

«O comandante do 1.º exercito britânico deseja que sejam transmitidas ao batalhão de infantaria n.º 15 as suas congratulações pelo completo successo, repelindo esta manhã o *raid* inimigo.

«Que louva a 1.ª e 3.ª brigadas de infantaria pelo valor demonstrado no combate de 7 do corrente, mantendo com honra e gloria as tradições de bravura da 1.ª divisão.

«Que louva especialmente o batalhão de infantaria n.º 15, pela serenidade e bravura demonstradas na defesa do sub-sector, repelindo o inimigo com energia e infligindo-lhe tais perdas, que o forçou a retirar precipitadamente. Até que outro batalhão tenha oportunidade para se distinguir, e sempre que as tropas da 3.ª brigada se reunam, o batalhão de infantaria n.º 15 formará na direita».

⁴ O comandante do batalhão de infantaria n.º 13 era o major Gustavo de Andrade Pisarra.

que o ladeavam, sucumbindo sómente na terrível luta corpo a corpo, que se travou. As companhias dêste batalhão, que ocupavam La Couture, e cuja bravura foi exaltada pelo *Times*¹, combatiam ainda às 15 horas do primeiro dia da batalha.

Esgotadas as munições, o capitão Roma, que comandava o 2.º batalhão², depois de dirigir aos subordinados uma breve alocução, determinou-lhes uma carga à baioneta. Partiram como leões, cometendo grande número de baixas nas fileiras inimigas. Só regressáram dois oficiais desse bravo batalhão³, sendo o primeiro, um capitão que se encontrava com as praças da sua unidade em localidade diferente, juntando-se por tal motivo às tropas escocesas, em cuja companhia se bateu durante dois dias e duas noites com as praças, que lhe restavam. O segundo oficial era um bravo alferes, que um alemão a curta distância não alvejou devidamente, e ao qual aquêle fez pagar caro a sua temeridade.

No entanto, a artilharia, que restava depois do terrível bombardeamento que precedera o ataque, procurava deter o avanço das ondas inimigas por um fogo tão certo quão intenso. É caso absolutamente confirmado, que algumas peças ainda faziam fogo quando a primeira e segunda vagas de assalto do adversário já haviam transposto as primeiras linhas.

A resistência das nossas tropas foi tal, que os alemães enfurecidos, não tratáram de fazer prisioneiros, exercendo as maiores crueldades sobre os próprios feridos. As suas principais vítimas fôram os artilheiros, que defenderam os canhões, que guarneciam, com fogos de fuzilaria e à baioneta. Diz o artícu-

¹ Por falta de indicações precisas sobre o seu numero ou data, não conseguimos obter o citado jornal londrino, mas dos «Quadros de honra» publicados, demonstra-se que houve praças que se portáram efectivamente com assinalada bravura em La Couture, pelo que foram devidamente recompensadas. O sr. General Gomes da Costa diz terem elas sido dos batalhões de infantaria 13 e 15, havendo, com algumas praças inglesas, aguentado heroicamente a investida alemã.

² O batalhão de infantaria n.º 13 era o 2.º da 5.ª brigada de infantaria, por isso o articulista, ao referir-se ao capitão Roma, fala no 2.º batalhão. O capitão Bento Esteves Roma, desempenhava as funções de 2.º comandante daquêla unidade.

³ Não há noticia official do destino dos officiaes, que se dizem desaparecidos. Não figuram como mortos, nem estão incluidos nas listas de prisioneiros publicadas.

lista, que os alemães tiveram nesse transe a prova do que valia o 75 francês nas mãos de portugueses.

São estas as informações prestadas ácerca daquêle famoso episódio, que constitue o ataque ao sector português, descrito pelo jornal *Le Telegramme*, as quais por deverem ser consideradas incompletas, as procurámos esclarecer, entermiando-as com outras da autoria do sr. General Gomes da Costa, mas cuja proviniencia tivémos o cuidado de citar.

A parte restante do artigo é destinada a comemorar a gloriosa participação militar tomada por Portugal na guerra actual, servindo ao autor, para tal fim, o que a *Revue Militaire Suisse* havia referido, como constituindo o nosso esforço nacional. É dispensável a reprodução dessa parte do artigo, porque nestas mesmas colunas¹ fôram expostas com não menor desenvolvimento, posto que com inferior brilho, quantas informações a referida *Revista* mencionou no assunto. O que não devemos calar é o epílogo do artigo do *Telegramme*, que consubstancia, pelo seguinte modo, o juízo formado acerca das tropas portuguesas por aquêles que presenciáram o seu procedimento: — «São tropas esplendidas, mas modestas; prováram serem dignas do tributo de admiração que esta região do Norte da França, tão dolorosamente ferida, mas sempre ardente, tributa áquêles que defendem o seu sólo e inscrevem com o seu sangue uma impericível história de sacrificios e de glória».

Os leitôres, que têm seguido com o coração repleto de amargura, mas com o espírito exaltado pela sêde de desforço, a breve, mas trágica, descrição do que foi o ataque ao sector português no dia 9 de abril último, digam-nos agora se os vários lances de heroísmo, que registam os «Quadros de honra», recentemente publicados e referentes a essa batalha, não se engrandeceriam, glorificando mais os seus autores, e o exército que se honra de os contar nas fileiras, quando enquadrados na anterior moldura, representativa do episódio em que êles fôram actores sublimes, embora ela seja pobre e desataviada de primôres de estílo, visto o cinzel do escultôr se não prestar a trabalho mais delicado e ostentôso.

A narrativa do aludido episódio deve necessariamente cons-

¹ «Episódios da guerra actual. O Esforço português» — *Revista Militar*. n.º 11, de novembro de 1917.

tar de relatório do comandante do C. E. P. e a sua publicação deveria ter sido levada ao conhecimento público, para o fim precedentemente referido, embora houvesse de ser eliminado um ou outro trecho, que as circunstancias de momento determinassem¹. Porque não sômos pessimista, apraz-nos reconhecer, que devem ter subsistido fortes razões para que assim se não haja procedido. A crítica é fácil, mas a arte difficil. Há situações na vida, em que por vezes se tomam atitudes que desagradam, mais do que a outros quaisquer, aos próprios que se veem obrigados a segui-las.

No emtanto, convém recordar que pelo modo preconizado se procede na Inglaterra, onde a nação tem geralmente conhecimento dos vários transes da guerra, em que figuram as forças

¹—Em nosso entender, não pode ser considerada senão—como simples participação de combate—a informação contida na nota officiosa, que seguidamente reproduzimos, e foi publicada nos jornais diários, designadamente no *Diario de Noticias* n.º 18.826, de 13 de abril ultimo. Como do final da mesma participação se depreende, a elaboração do relatório de combate parece haver ficado dependente do apuramento seguro das perdas sofridas.

Nota officiosa

Informação da frente portuguesa

A's quatro e um quarto da manhã do dia 9 foi iniciado um violento bombardeamento contra a frente portuguesa.

Foram especialmente visados os comandos, desde os batalhões até ao corpo, cortadas as comunicações telefonicas e tornadas impossiveis outras comunicações em virtude de cerradas barragens.

Quatro divisões inimigas desenvolveram ás sete e meia um violento ataque contra as nossas forças, o qual se sustentou até ás dez horas e meia.

As nossas forças combateram com valor, mas foram obrigadas a retirar, sem panico, em consequencia do bombardeamento muito prolongado e constante e superioridade numerica da infantaria inimiga.

Além disso, nevoeiro, muito intenso, que durou todo o dia, originou que a infantaria inimiga só fôsse vista a 50 metros das nossas trincheiras.

As nossas perdas em pessoal e material serão comunicadas logo que haja pormenores garantidos.

(a) Tamagnini, general.

A publicação na *Ilustração Portuguesa* do artigo do sr. General Gomes da Costa, por todos os titulos interessante, e que muito esclarece o assunto, não supõe, porém, a falta do relatório official do combate, como bem sabem quantos não são hospedes nas particularidades do serviço de campanha.

nacionais, pela publicação imediata dos relatórios do respectivo comando superior. Por êste processo, e pelas facilidades concedidas aos correspondentes militares, tem conseguido o governo inglês trazer sempre emocionada a alma nacional, que é o sólido apoio da larga e fecunda acção patriótica, que o dito governo tem desenvolvido em favôr dos interesses da Pátria¹. Na França, também se tem procedido análogamente, e recordados devem estar os leitôres de que, em momento no qual o desânimo parecia ter invadido as fileiras do exército, foi o general Petain, que então exercia o comando supremo, quem contrariou esse desalento, pela publicação de um documento, por êle próprio assinado e inserto no jornal oficial, em que fazia franca referência às condições subsistentes da guerra. O seu in-

¹ Não é somente quando a victoria corôa as suas armas que os governos ingleses dão conta ao publico dos respectivos relatorios de combate, mas do mesmo modo procedem quando a sorte lhes é desfavoravel. Em abono desta asserção pôdem citar-se os dois seguintes eloquentes exemplos :

Havendo sido determinado ao contra-almirante inglês A. H. Christian para executar um reconhecimento na baía de Helegoland, com o fim de atacar os cruzadores ligeiros e os contra-torpedeiros alemães, que nela se abrigavam, essa operação foi executada no dia 28 de agosto de 1914, tendo a data de 28 de setembro o respectivo relatório de combate. Colaborou nessa acção a 1.^a esquadra dos cruzadores de batalha e a 1.^a esquadra dos cruzadores ligeiros, ambas do comando do vice-almirante Beatty, que formulou igualmente o seu relatório de combate. Esses dois documentos foram mandados publicar pelo Almirantado, merecendo do contra-almirante Kalau von Hofe a seguinte apreciação : — «O plano desta operação pôde ser citado como modelo para a utilização tactica dos diferentes tipos de navios e faz a maior honra ao primeiro lord do Almirantado, Principe de Battenberg.»

O segundo exemplo consiste na publicação mandada fazer, em julho de 1915, do relatório de combate do vice-almirante alemão von Spee, ácerca da acção travada contra a esquadra do contra-almirante inglês Christopher Craddock, em 1 de novembro de 1914, nas proximidades do porto de Coronel, do Chili, ficando esta inteiramente aniquilada e o seu chefe morto. Esse documento tem a data de 3 do referido mez. A esquadra vencedora dirigiu-se, seguidamente ao combate, para o porto chileno de Valparaiso. O Almirantado duvidou da veracidade das primeiras noticias, por isso que a esquadra de Craddock havia sido oportunamente mandada reforçar pelo couraçado *Cano-pus*, o que lhe assegurava notavel superioridade sobre o inimigo. Mas essa junção não se pôde fazer, donde derivou o desastre. Na falta de relatório do chefe inglês, gloriosamente morto a bordo do couraçado *Good-Hope*, o Almirantado fez publicar o do seu vencedor, para que o país soubesse, precisa e claramente como esse desastre ocorrêra.

tento logrou pleno exito, tão certo é que, melhor do que nos tempos de paz, se colhem nos de guerra optimos frutos da adequada prática do jámais esquecido prolóquio latino: *Audacia fortuna juvat*.

Regressando, porém, ao combate encetado em 9 de abril, pouco mais poderemos acrescentar, que se relacione directamente com o episódio, cuja breve descrição constituiu a razão de ser do presente artigo. As quatro brigadas portuguesas não poderiam, por maiores heroicidades que houvessem sido as praticadas, resistir às famosas e frescas divisões alemãs¹, algumas chegadas ao teatro da luta na véspera do ataque. Na guerra, o número continúa ainda a ter notável preponderância na decisão das batalhas. Não obstante, a reacção empregada foi tal, que *Le Telegramme*, afiança haverem sido elevadíssimas as perdas sofridas pelo inimigo, tendo ficado absolutamente aniquilada a primeira divisão de ataque, constituída especialmente por tropas bávaras.

Efectivamente, como bem assegurou o articulista, os soldados portugueses bateram-se heroicamente; tão heroicamente como os franceses e ingleses, e só puderam ser vencidos por motivo de circunstancias imperiosas.

A primeira, seguidamente aludida, foi devida á desvantagem oferecida pelo terreno, que ocupavam. As trincheiras alemãs, fronteiras ao sector português, escalonavam-se ao longo da encosta oeste da crista Aubers-Fromelles, onde se encontravam já as primeiras avançadas da defesa de Lille. Embora a cota dessa crista não exceda 40 metros, superior apenas de 20 metros á do terreno, que os nossos ocupavam, o facto é que, sendo esta diferença de nivel vencida em me-

¹ Assevera o sr. General Gomes da Costa que, na madrugada do dia 9, tinham os alemães em 1.^a linha, para iniciar o ataque, as seguintes divisões:

38 e 39.^a, apoiadas pela 11.^a;

10.^a, apoiada pela 42.^a;

1.^a e 8.^a, apoiadas pela 16.^a;

3.^a, 4.^a e 18.^a, apoiadas pela 44.^a;

81.^a como reserva geral.

E, em 2.^a linha, as: 8.^a, 240.^a, 48.^a, 12.^a e 17.^a.

No entanto, tanto *Le Telegramme*, como a precedente comunicação do sr. General Tamagnini, apenas se referem a 4 divisões.

nos de 2 quilometros (inclinação de 1⁰/₀), todo o sector dela era inteiramente dominado e batido até á distancia de mais de 30 quilometros.

Corria entre os defensores do referido sector, e o facto parece verificar-se pelo exame das magnificas cartas coloridas insertas na Ilustração Espanhola *La Guerra*, que os ingleses, durante o avanço na acção de Neuve-Chapelle, em 1915, chegaram a tomar posse da referida crista, retirando seguidamente, porém, para o vale da ribeira de Laies, logo que nesta organisaram as suas trincheiras, as quais, dois anos volvidos, as tropas portuguesas foram mandadas guarnecer.

Em fins de 1917, o C. E. P. recebeu ordem para proceder aos trabalhos preparatorios para realizar o ataque ás trincheiras inimigas em toda a frente do seu respectivo sector, ataque que visava á conquista da aludida e incomoda crista. A ordem determinava, porém, que não se ultrapassasse a segunda linha inimiga, o que colocaria as nossas tropas em circumstancias ainda mais criticas, do que aquelas em que já se encontravam. No entretanto, fizeram-se os necessarios reconhecimentos, elaborou-se o projecto de ataque, prepararam-se as instruções, etc., e tudo estava pronto para a execução da ordem recebida, quando ela foi mandada suspender, talvez por haver sido reconhecido o inconveniente de não ultrapassar a segunda linha inimiga.

A segunda circumstancia, foi o haver sido a primeira linha inteiramente envolvida, talvez pela carencia da devida ligação entre as divisões inglesas e a nossa, em razão da deficiencia de efectivos desta e da extensão da linha a guarnecer, mas mais certamente pelo intenso nevoeiro reinante.

A terceira e proponderante circumstancia consistiu na enorme desproporção entre as forças atacantes, que se elevavam a quatro divisões, e as tropas portuguesas, que apenas constituíam uma divisão, depauperada pelas baixas devidas a crueis sofrimentos e incessantes *raids*, bombardeamentos e ataques parciais.

Bem mais numerosas do que as nossas, eram as tropas inglesas e, não obstante, não lograram, naquela batalha melhor resultado.

A defesa de Armentières, que esteve a seu cargo, foi um episódio mais bizarro do que o da defesa das posições ocupa-

das nos flancos das nossas tropas, não por evitar que a povoação caísse em poder dos atacantes, mas por haver permitido a retirada ordenada e metódica do grosso das tropas para Bailleul, que está situada em uma elevação e, portanto, apropriada para nela estabelecer um forte escalão, destinado a assegurar a continuação da retirada. A fôrça deixada em Armentières cumpriu tão honrosamente, porém, a sua missão, que os próprios alemães citam o seu heroísmo na parte oficial da batalha. Enquanto foi possível aos que a constituíam, pelejaram, e entre as fumegantes ruínas das habitações, que defendiam, é que os alemães fôrão aprisionar os sobreviventes, mas já sem munições.

Equivalentemente sucedeu com os portugueses. Mas, o procedimento inglês teve larga publicidade, o que não sucedeu aos dos nossos compatriotas. Por isso, mui justamente escreveu o redactor militar de *El Imparcial*, o seguinte comentário, que reproduzimos no próprio idioma espanhol, para lhe conservar todo o brilho e vigôr:

«Por qué habían los portugueses de resistir menos que los britanos? Su alma en su almarío tienen nuestros vecinos y hermanos de raza pera resistir como el que más resistia; han cejado, és cierto, pero — ¿es que no cejaron los ingleses desde la primera fase de la grande batalla y quando aun la moral del frente aliado estaba incólume?.....»

«Triste ejemplo para los pueblos débiles! Ni su sacrificio se estima cuando la adversidad les acompaña! Hubieran los portugueses resistido, y no faltaria ocasión para demostrar que lo hicieron merced al apoyo y la cooperacion de las fuerzas extrañas que les ayudaban.

.....»

«Esa, y no outra (que los portugueses ocupavan posiciones dominadas por el enemigo), seria la razón del ataque por aquellas parajes; *los alemanes ocupaban la parte elevada del terreno* y han aprovechado la circunstancia. Estamos seguros de que los soldados portugueses se habrán batido heroicamente, tan heroicamente como sus camaradas los ingleses y los franceses, porque en esta guerra, y pese a todos los adelantos de la industria y la ciencia militares, ninguna máquina llegó á la perfection de la máquina humana; el hombre es arma preponderante, porque es la unica máquina que tiene alma».

Não saberíamos dizer melhor, nem o poderíamos fazer com maior isenção, visto tratar-se de apreciar o procedimento de compatriotas nossos. Nem sempre nos tem sido favorável o vento, que provém da Espanha, mas na presente conjuntura não nos podia êle ser mais agradável. Oxalá nos soprasse sempre assim fagueiro, porque outras seriam as nossas disposições de ânimo para com os nossos visinhos, dos quais as conveniências nos mandariam aproximar, se as tradições e a aspiração de expansão os não impulsionássem a êles para a realização da unidade política da península, ideia com a qual nós os portugueses jámais podemos confraternizar.

Escreveu ainda o articulista do *Imparcial*, que «—como los encadenados de Las Navas de Tolosa alrededor del caudillo agarenno, los portugueses se baten sin un ideal, y harto hacen poniendo el pecho a las balas por espíritu de obediencia, por fatalidad nacional».

Há muita injustiça nesta referência. Pode discutir-se a oportunidade, modo e local mais conveniente para a nossa intervenção na guerra, e sôbre o assunto temos ideias próprias, que já oportunamente manifestámos nos termos e pela via, que entendemos oportuna. O que não poderá sustentar-se é que nos batemos sem um ideal. Funda-se êste no mais ardente patriotismo, pois consiste em robustecer a aliança anglo-portuguêsa, com o determinado fim de assegurar pelo modo mais eficaz a nossa integridade metropolitana e colonial. Não é o momento, porém, em que tão agradáveis referências nos são feitas do outro lado das nossas fronteiras terrestres, o mais próprio para desenvolver a tése, mas não seria difícil demonstrar, o serem os perigos para a nossa nacionalidade, que a história regista, provindos repetidas vezes de além dessas fronteiras, uma das causas essenciais dos soldados portugueses se baterem hoje ao lado dos ingleses e franceses contra os alemães.

Dito isto, com a lealdade de velho soldado, mas com a cortesia devida a um confrade nas letras que, no anonimato em que se envolve, procura encobrir a qualidade militar, que aliás tão brilhantemente se revela nas suas proficientes crônicas da guerra, intituladas *La situacion militar*, voltemos ao assunto, que constitue a essência dêste desataviado artigo.

Levar-nos-ia muito longe, pretendendo descrever os termos e episódios desenrolados em toda a sequencia da famosa ba-

talha do Lys, travada de 9 a 19 de abril, que tão valorosa mas infaustamente foi iniciada pelas tropas portuguesas. Nem o pretenderíamos fazer, por carência de elementos. Circunscrevemos a nossa intervenção no assunto à descrição, que mais imediatamente nos interessa, do prólogo desse formidável combate, que durou dez dias, isto é, uma década, tal qual sucedêra ao combate anterior do Somme, que se estendeu de 21 a 31 de março. Ambos êles tiveram resultados idênticos.

Êste, conduziu os alemães desde as suas formidáveis posições de S. Quintino até às de Amiens. O outro levou-os desde as cercanias de Armentières até as de Hazebrouck e de Béttune. É certo que duas grandes *mossas* produziram com tais avanços na frente britânica, uma de cem quilómetros de largura por sessenta de profundidade, a outra de trinta por vinte.

Sob o ponto de vista tático, os alemães ganharam indubitavelmente vastos espaços de território; mas, sob o estratégico, que era o cobiçado, viram inteiramente frustrados os seus esforços, porque a frente dos aliados não foi rôte o exército anglo-luso-belga, embora haja sofrido perdas sensíveis, sob os pontos de vista orgânico e moral deve considerar-se integro.

Contribuímos para êste rezultado com grande cópia de sangue derramado pelos nossos compatriotas e com o cativo de muitos outros, porquanto foi perante o nosso esforço que caíram, prostrados pelas granadas arrojadas dos nossos canhões, pelas balas despedidas das nossas espingardas e pelos golpes das nossas baionetas alguns milhares de adversários.

«A divisão foi vencida, escreve textualmente o sr. General Gomes da Costa, mas sob uma tão tremenda desproporção de forças, que a batalha travada constitue verdadeira gloria para os portugueses, porque morreram, mas cumprindo o seu dever.» E, para o comprovar, refere como, após um ano de ininterrupto guarnecimento das trincheiras, executando ou repelindo numerosos *raids*, os efectivos de oficiais da divisão se achavam reduzidos de 50 0/0, faltando os majores em quasi todos os batalhões e estando as companhias e pelotões sob o comando, aquelas de subalternos e estas de 2.^{os} sargentos. A frente a guarnecer estava calculada para efectivos completos, isto é, para 1.083 praças por batalhão, mas cada um destes apenas disputavam de umas 577 a 878, elevando-se os elementos que faltavam a 139 oficiais e 5.792 praças. Por isso, a divisão foi batida, mas

aguentando-se oito horas sob o mais violento bombardeamento e sob o embate de *oito* divisões inimigas!

Quando a nossa colaboração na guerra foi solicitada pelo governo inglês, só nos propuzemos acompanhar leal e valorosamente os seus compatriotas nas vicissitudes da luta. A modestia do nosso concurso, em uma guerra na qual os blocos adversários se constituem por milhões de homens, não podia deixar de ser limitada. Ao que a nossa honra nos obrigava, porém, era a que, fôsem poucos ou muitos os soldados que levássemos aos campos de batalha, êles honrassem aquélas tradições que, na Guerra da Península, haviam feito considerar os nossos soldados dignos émulos dos compatriotas dos marechais Duque da Vitória e marquês do Campo Maior.

A seguinte nota, enviada por Lord Balfour, ministro dos negócios estrangeiros da Inglaterra, ao governo português, demonstra cabalmente que a 1.^a divisão do C. E. P. soube cumprir honrosamente esse compromisso tomado:

«S. Ex.^ª o Ministro dos Negócios Estrangeiros—Lisbôa.

Em nome do governo britânico, desejo exprimir ao governo e ao povo de Portugal o alto apreço em que temos o valoroso feito que as tropas portuguesas praticaram nesta batalha.

Lamentâmos profundamente as perdas, que elas devem ter inevitavelmente sofrido, sob o imperio de um ataque que foi executado depois de intenso bombardeamento e com uma grande preponderancia local de tropas; contudo, é-nos grato sentir que os sacrificios comuns, que as nossas duas nações estão agora fazendo, lado a lado, nos campos de batalha intensificam a força dos laços indissolúveis que as unem na sagrada causa da Liberdade e do Direito.—(a) *Balfour*.

Nenhuma prova mais valiosa se podia oferecer para comprovar que o episódio da batalha do Lys, em que tivéram intervenção as tropas portuguesas, tem direito a figurar com letras de ouro na nossa historia. Isto deve satisfazer a alma dos que consideram a honra da Pátria como a suprema aspiração nacional.

GENERAL MORAES SARMENTO.

CRÓNICA DO EXÉRCITO ESPANHOL

1— Admissão à escola superior de guerra em 1918

Em harmonia com o determinado no decreto de 31 de maio de 1904, que organizou a escola superior de guerra, foi aberto concurso para a admissão nesta escola para o próximo curso, que deve começar em 15 de setembro do corrente ano.

A êste concurso eram admitidos os capitães e os primeiros e segundos tenentes das armas de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia, que se deviam apresentar na escola em 31 de maio para dárem as provas, que são exigidas para a admissão.

Essas provas compreendiam: literatura geral e militar espanhola; geografia geral e especial de Espanha e Portugal; história universal; direito político e administrativo; exercício de francês; desenho topográfico; resolução de um problema tactico para aplicação dos regulamentos vigentes.

As provas de literatura e de direito eram dispensadas aos candidatos diplomados pelas universidades e tendo estas disciplinas.

Os programas das matérias a exigir neste concurso, assim como os livros adotados para texto, foram publicados no «Diário Oficial» de 22 de fevereiro.

Eram admitidos no 1.º ano do curso, 15 oficiais de infantaria, 4 de cavalaria, 4 d'artilharia e 2 de engenharia.

Em virtude das provas prestadas, foram classificados para entrar na referida escola, 2 capitães e 1 tenente de artilharia, 3 capitães, 3 1.ºs tenentes e 9 2.ºs tenentes de infantaria, 1 capitão, 1 1.º tenente e 1 2.º tenente de cavalaria, e 2 1.ºs tenentes de engenharia. Foram assim admitidos 22 oficiais em vez de 25, tendo sido excluídos os restantes concorrentes. A lista dos admitidos, por ordem de mérito, foi publicada no «Diário Oficial» de 23 de junho último.

II — Viagem de instrução do Estado Maior

O «estado maior central do exército» apresentou um projecto e o respectivo orçamento para a realização de uma «viagem de estado maior», a qual se deveria realizar de 15 de junho a 11 de julho na região dos Pirinéos ocidentais, compreendida entre Valcarlos (entre S. João-ao-pé do Porto e Roncevaux) e a foz do Bidassôa.

A viagem deveria ser dirigida pelo coronel do corpo de estado maior, sub-chefe d'estado maior da 6.^a região, D. Antonio Chies y Gómez. Todo o pessoal que toma parte nesta viagem devia estar reunido em Tolosa, a 15 de junho.

Nesta viagem tomavam parte 18 oficiais do corpo d'estado maior, sendo 11 oficiais superiores e 7 capitães:

Eram 2 majores e 2 capitães do estado maior central, 1 major e 2 capitães do ministério da guerra e depósito da guerra, 2 majores e 1 capitão do quartel general da 1.^a região, 1 tenente coronel e 1 capitão do Q. G. da 2.^a região, 2 majores e 1 capitão do Q. G. da 5.^a região, e 2 tenentes-coroneis e 1 major do Q. G. da 6.^a região.

Além destes oficiais, ainda tomavam parte, 1 major e 2 capitães de cada uma das armas de infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia, e 1 major e 2 oficiais primeiros do serviço de intendência, e 1 major e 2 médicos primeiros do serviço de saúde militar.

Uma secção de cavalaria, sob o comando de um subalterno, com 1 sargento, 3 cabos, 3 ferradores, 1 clarim e 29 soldados do regimento de cavalaria n.º 24, deveria estar em Tolosa para fornecer as necessárias ordenanças.

As despesas estavam orçadas em 15.000 pesetas, não incluindo os transportes em caminhos de ferro, gratificações e rações que saem de outro capítulo do orçamento.

Para a execução da «viagem» formulou o estado maior central do exército, as necessárias *Instruções*, que fôram enviadas ao ministério da guerra, ao director da viagem, e aos capitães generais das 5.^a e 6.^a regiões.

Estas Instruções deveriam conter a situação estratégica e diferentes hipóteses táticas, que se pretendiam estudar no terreno, e que se consideráram confidenciais.

III — Convocação da parte do contingente de 1917 para instrução reduzida

Foram incorporados em fevereiro, os recrutas da parte do contingente que tem que receber instrução reduzida, sendo esses recrutas incorporados nas unidades da sua escolha, à excepção dos que pertenciam aos serviços de caminhos de ferro, que só podiam alistar-se no regimento de caminhos de ferro, assim como os oficiais e aspirantes dos correios e telégrafos, que só eram destinados ao regimento de telegrafistas, ou ao centro electro-técnico.

Os recrutas que desejavam acolher-se ao beneficio da redução do tempo de serviço, tinham primeiro de pagar a 1.^a prestação da quota militar.

A repartição dos recrutas fez-se da seguinte fórma :

	Infantaria	Artilharia	Engen- nharia	S. de saúde	Inten- dencia	Total
1. ^a região, . . .	8.966	600	350	50	100	10.066
2. ^a > . . .	10.749	500	—	50	100	11.399
3. ^a > . . .	8.768	400	—	50	100	9.318
4. ^a > . . .	4.669	750	—	100	200	5.819
5. ^a > . . .	2.847	950	100	100	200	4.197
6. ^a > . . .	3.086	350	200	100	200	3.936
7. ^a > . . .	4.707	—	—	50	100	4.857
8. ^a > . . .	3.606	750	—	50	100	4.506
Baleares . . .	692	100	75	50	50	967
Canárias . . .	416	100	100	50	50	716
	48.606	4.500	825	650	1.200	55.781

Para ministrar a instrução aos 55.781 recrutas, foi destinada a verba de 10.380.000 pesetas.

IV — Academias militares: regime de estudos exames e classificações. Trabalhos de aplicação

Fôram há pouco tempo publicadas umas novas «Instruções», introduzindo um certo número de alterações no regime de estudos das academias militares, como consequência da prática e experiência dos últimos quatro anos, na aplicação das leis

de 6 de dezembro de 1911, 15 de maio de 1912 e 24 de abril de 1913.

As novas Instruções formam com as matérias professadas nas academias, 4 grupos para o efeito dos exames.

O 1.º grupo compreende as disciplinas que exigem apenas uma prova teórica;

O 2.º grupo compreende as disciplinas que exigem uma prova prática e outra teórica; no 3.º grupo estão as disciplinas que só exigem uma prova prática;

O 4.º grupo compreende as disciplinas, cuja avaliação é feita durante o ano, sem necessidade de exame, apenas pela classificação.

O 2.º grupo ainda se subdivide em 2 sub-grupos: um compreendendo as matérias em que a prova prática antecede a teórica, sendo ambas dadas no mesmo dia; e o outro abrangendo as matérias em que a prova prática exige alguns dias para a sua execução e avaliação.

As provas práticas das matérias do 2.º grupo compreendem *memórias, projectos, exercícios ou trabalhos práticos* no campo, nos laboratórios ou nas oficinas.

Os alunos reprovados na prova prática, não podem ir à parte teórica.

Os exames teóricos versam sobre as matérias dadas durante o ano, formulando-se um certo número de *pontos*, superiormente aprovados, e que os alunos tiram à sorte.

As matérias dos 3.º e 4.º grupos compreendem — o desenho, as línguas, a equitação, a esgrima, a ginástica, o tiro à pistola, desportos e diversos exercícios militares.

Para as academias de infantaria, artilharia, engenharia e intendência, as matérias do 3.º grupo são constituídas pelo desenho, línguas e equitação.

Para a de cavalaria, são constituídas pelo desenho e línguas.

O exame de desenho pode limitar-se à apreciação por parte do júri dos trabalhos realizados durante o ano, ou a um desenho feito na ocasião. O exame de línguas tem um carácter prático (tradução, retroversão e conversação).

O aluno que não fôr aprovado em desenho, não perde o ano, mas deve obter boa classificação nos anos seguintes, não podendo ser promovido a oficial sem ter feito um exame extraordinário.

O mesmo critério é aplicado aos exames de linguas.

O exame de equitação nas academias de infantaria, artilharia, engenharia e intendência, constam de um exercício hípico individual, ou colétivo, conforme o juri determinar.

O exame de equitação na academia de cavalaria compreende uma parte prática e outra teórica. O aluno de cavalaria que não seja aprovado em equitação tem de repetir o ano.

Todos os trabalhos e exames são classificados por uma escala de valôres de 0 a 10.

A média dos valôres das lições teóricas com os dos trabalhos práticos, constitui a nota única da *aplicação* na cadeira, constituindo a nota inicial de exame.

As diferentes disciplinas têm um coeficiente de importância de 1 a 4.

A classificação final de cada disciplina obtêm-se pela média da nota inicial do exame e pela nota dêste.

Considera-se reprovado num exame, o aluno que tiver uma classificação inferior a 5. Cada aluno tem também uma nota representando o seu comportamento durante o ano.

A média das notas nas disciplinas e de comportamento, constitui a classificação do aluno. A média das classificações do 1.º e 2.º ano constitui a classificação com que se passa ao 3.º ano, e assim sucessivamente até ao último ano. A classificação final marca a ordem de preferência na escala de oficial.

Há uma 2.ª época de exames (julho ou setembro, conforme se trata de exames semestrais, ou de fim de ano).

O aluno que fizer exame na 2.ª época por ter adoecido, ou por qualquer outra circunstância extraordinária atendível, e não tendo dado mais de 20 faltas seguidas ou 30 interpoladas, é classificado nas mesmas condições em que o seria se fizesse o exame na 1.ª época; mas o que repetir exame por ter ficado reprovado na 1.ª época, não pode ter nota superior a 5 valôres para os efeitos da classificação.

As notas de comportamento individual variam de 0 a 10, correspondendo esta última nota ao *comportamento exemplar*.

Todos os alunos, ao entrarem nas academias, recebem o valôr inicial de comportamento exemplar (10), e que lhes será sucessivamente diminuído à medida que sofram determinados castigos. Os alunos que tenham menos de 5 valôres em comportamento não podem obter qualquer licença.

Emquanto aos trabalhos de aplicação, fôram êstes realizados quasi nas mesmas condições dos anos anteriores, tendo sido suprimidas as viagens sciêntifico-práticas, por a experiênciã ter mostrado que a sua utilidade é muito limitada.

A *academia de infantaria* realizou primeiro os trabalhos preparatórios nos arredores de Toledo, de 15 a 28 de maio, e depois os trabalhos, chamados *culminantes*, de 1 a 15 de junho, no acampamento eventual de Ballesteros, como nos anos anteriores ¹.

O exercíciõ do dia 12 de junho foi o mais importãnte, porque os dois partidos tinham um sistema de trincheiras como se tem empregado na guerra actual, empregando-se no ataque os processos actualmente em uzo.

Os alunos formávãõ um batalhão com 4 companhias, mas só as duas primeiras, a de *assalto* e a de *refôrço*, tinham efectivos completos. Com as tropas de assalto íãõ — 1 companhia de metralhadoras, 1 secção de peças de trincheira, 12 aparelhos lança-minas, 2 aparelhos lança-chamas, 1 secção de telefonía e 1 secção de maqueiros ².

Nestes trabalhos tomãõ parte 3 officiaes superiores, 12 capitães e 23 tenentes, além de 1 veterinário, 1 capitão e 1 tenente, como provisôres, e 1 capitão e 1 tenente encarregados do material do acampamento.

A *academia de cavalaria* executou os seus trabalhos durante 10 dias, que consistiram numa marcha de Valladolid a Leon (135 km.), e diversas manobras, nas proximidades desta última cidade. Os alunos constituíram um esquadrão de 130 cavãlos, sob o comando do capitão Sarriá. Os trabalhos fôram dirigidos pelo coronel director e pelo tenente-coronel chefe de estudos.

Nestes trabalhos tomãõ parte 3 officiaes superiores, 6 capi-

¹ Em virtude da epidemia da gripe, estivêram para ser suspensos êstes exercíciõs, pois chegou a haver 200 alunos atacados; mas por fim a academia marchou para Ballesteros e o estado sanitário dos alunos melhorou.

² A êste exercíciõ assistiu o nosso adido militar em Madrid.

ães e 8 subalternos, além de um pelotão para os serviços auxiliares.

Os alunos executaram fogos reais e resolveram um problema tactico de dupla acção. Visitaram também o depósito de cobertura e a escola veterinária.

Na *academia de artilharia* os trabalhos de aplicação realizaram-se de 20 de abril a 31 de maio nas proximidades de Segovia.

Os exercícios da *academia d'engenharia* compreenderam 2 períodos :

No 1.º tiveram logar os exercícios *profissionais* nas proximidades de Guadalajara, no polígono da escola prática e no trôço da linha ferrea Madrid-Torralba. O 2.º período compreendeu os *exercícios militares*, em que se admitia sempre uma hipótese táctica, tendo-se acantonado durante 2 dias. Nestes trabalhos tomaram parte 1 oficial superior, 3 capitães e 3 1.ºs tenentes.

Na *academia de intendência* os exercícios realizaram-se de 28 de abril a 7 de maio, compreendendo uma *marcha* de Avila a Piedrahita por Villatoro, e um *estacionamento* em Piedrahita.

Nêstes trabalhos tomaram parte 5 oficiais superiores, 5 1.ºs oficiais e 7 2.ºs oficiais.

Também a *academia médico-militar* realizou exercícios sanitários de campanha nas proximidades de Madrid, estabelecendo uma ambulância mixta, e os necessários escalões sanitários do campo de batalha, tendo os alunos praticado no levantamento de feridos e seu transporte, no manejo do diverso material sanitário, na análise de águas e alimentos, etc.

A *escola superior de guerra* realizou trabalhos topográficos, tacticos e logísticos, assim como viagens de instrução e visitas a diversos estabelecimentos.

Os alunos do 1.º ano realizaram os trabalhos topográficos de 1 a 30 de junho, tendo antes realizado a viagem de instrução, de 15 a 31 de maio, visitando Soria, Numancia, Monserrat e a Albufera, sob os pontos de vista geográfico, estratégico e geológico, e em seguida o Parque Central de Madrid, o Centro técnico e Comandancia de tropas da Intendência, o Parque de desinfecção e o Instituto de hygiene militar.

Os alunos do 2.º ano fizeram a sua viagem de instrução divididos em 3 grupos; um grupo, de 14 a 29 de maio, visitou

as fábricas de pólvora de Murcia e Granada e as fábricas de armas portáteis de Oviedo e de Trubia; outro grupo, de 15 a 30 de maio, visitou o Instituto meteorológico de Madrid, o observatório astronómico de S. Fernando em Cadiz, assim como os mareógrafos de Reitz e de Mier, e depois o Instituto geográfico e estatístico de Madrid e a estação central sismológica de Toledo, tendo aqui determinado a hora e a latitude com os instrumentos dêste tão importante estabelecimento.

Ainda o 3.º grupo, de 16 a 30 de maio, visitou o caminho de ferro militar e polígono de aviação de Cuatro Vientos, o parque de aerostação de Guadalajara, o regimento de pontoneiros em Zaragoza, e depois, em Barcelona, a estação radiotelegráfica e as fábricas de automóveis e de material de aviação Hispano-Suissa e Elizalde.

Os alunos dêste mesmo ano, realizáram a sua *campanha táctica* de 1 a 30 de junho, em harmonía com o plano que foi estabelecido de acôrdo com o estado maior central.

Os alunos do 3.º ano executáram os trabalhos logísticos de 15 de maio a 14 de junho na zona da 2.ª região.

A viágem de instrução dos alunos dêste ano teve logar de 15 a 29 de junho, visitando as baterias da praça de Cadiz, o Arsenal de Carraca e a escola naval e a construtura naval.

Nos *trabalhos topográficos* do 1.º ano, tomáram parte 26 alunos, sendo 2 majores (um do exército peruano), 7 capitães e 17 1.ºs tenentes. Êstes trabalhos fôram dirigicos pelo respétivo professor, tenente-coronel do corpo do estado-maior, e o seu adjunto, major do mesmo corpo.

Nos *trabalhos tácticos*, realizados pelos alunos do 2.º ano, tomáram parte 26 alunos, sendo 8 capitães e 18 1.ºs tenentes.

Êstes trabalhos fôram dirigidos pelo professor, tenente-coronel do C. E. M. e o major adjunto.

Nos *trabalhos logísticos*, executados pelos alunos do 3.º ano, tomáram parte 33 alunos, sendo um major, 12 capitães e 20 tenentes.

A *viágem de instrução*, dos alunos do 1.º ano foi dirigida pelo tenente-coronel e major adjunto, professores de geologia e de geografia militar.

Para a execução de todos êstes trabalhos fôram fornecidas as praças montadas e apeadas e respectivos quadros que se tornáram indispensáveis, assim como as viaturas para transporte

de bagagens e material necessário, e ainda motocicletas com *side-car* e automóveis.

Os sargentos que tomam parte nêstes trabalhos, percêbem uma gratificação extraordinária de 1,25 pesetas diárias, os cabos recebiam 1 peseta e os soldados 0,75.

O gado tinha ração extraordinária de campanha.

Para as despesas extraordinárias fôram abonadas 1.200 pesetas para os trabalhos topográficos, 1.400 para os trabalhos logísticos e 1.492 para os trabalhos tacticos.

V—Reorganização do estado maior central do exército

Êste importante organismo do exército foi criado em janeiro de 1916, mas apesar de se ter em vista dar-lhe grande independência, é certo, porém, que na prática tal não tinha sucedido, não se tendo mesmo definido de uma maneira clara, as suas atribuições. Foi para preencher esta lacúna, que o sr. La Cierva, quando ministro da guerra, decretou a reorganização do estado maior central, dando-lhe maior autonomia e definindo as suas atribuições.

O estado maior central occupar-se-á de todos os assuntos que interessarem ao exército, ou por iniciativa sua, ou por acôrdo com a Junta de Defesa nacional, ou ainda por indicação do ministro da guerra.

Para êste fim o sub-secretário do ministério da guerra e o 2.º chefe do estado maior central, deverão entender-se para a transmissão das ordens dadas pelo ministro, para o envio de trabalhos e informações ao ministro, ou para solicitar dêste quaisquer esclarecimentos.

O chefe do estado maior central despacha directamente com o ministro relativamente aos assuntos já estudados e conculidos

Por outro lado, a sub-secretaria e as diversas repartições do ministério da guerra não submetem à aprovação do ministro, nenhum assunto que se relacione com a organização do exército, sem terem préviamente solicitado do estado maior central, as necessárias e indispensáveis informações.

Logo que o ministro concorde com os trabalhos do estado maior, e que êstes tenham de ser convertidos em ordens, decretos ou projectos de lei, deve o estado maior enviá-los à sub-

secretaria ou às repartições, a fim de que sejam tomadas as disposições necessárias à sua execução.

Cada um destes trabalhos deverá ser acompanhado de um relatório justificativo, e dum resumo sintético que sirva de guia ou de norma à repartição que lhe tem de dar forma executiva.

Quando haja desacôrdo de critérios entre o estado maior central e a sub-secretaria ou alguma das repartições, deverá o assunto ser levado ao ministro para resolver, conforme julgar mais conveniente.

O estado maior central deve revêr os quadros orgânicos do exército que servem de base ao orçamento do ministério da guerra.

Também o estado maior tem de ser ouvido sôbre a redução de quadros, de efectivos, ou transferência de guarnições, antes que sejam realizadas, e da mesma forma sôbre todas as questões de recrutamento, não previstas na lei ou nos regulamentos.

Ao estado maior compete redigir os orçamentos para a aquisição de material, indicando o grau de urgência e de prioridade dessas aquisições.

O estado maior determina os exercícios e manobras a realizar anualmente, redigindo os temas, e, realizados aquêles, recebe todos os relatórios e trabalhos executados, para fazer o seu juízo crítico.

Em virtude da reorganização do estado maior central e das suas novas atribuições, tornou-se necessário alterar o quadro dos seus officiaes, e remodelar a sua organização interna fazendo uma nova distribuição dos assuntos pelas diversas repartições.

O estado maior central fica tendo o seguinte *peçoal*:

43 officiaes do corpo do estado maior, sendo 6 coroneis, 9 tenentes-coroneis, 16 majores e 12 capitães; 4 officiaes tradutores (1 de cada uma das armas);

6 officiaes auxiliares, sendo 1 commissário de guerra, 1 médico, 1 pagador, 1 archivista, 1 3.º official bibliotecário e 1 professor de equitação.

O estado maior central compreende uma *secretaria* e 6 *repartições*.

A *secretaria* trata do peçoal, da correspondência, dos assuntos administrativos e de regime interno, e tendo adstrita a bibliotheca.

Para a execução destes serviços tem: 1 major e 1 capitão

de infantaria, 1 arquivista e 1 3.º oficial do secretariado militar, 1 oficial pagador, 1 interventor, 1 professor de equitação e 1 médico para a assistência do pessoal.

A 1.ª repartição trata da *organização, recrutamento, reservas e mobilização*. O pessoal desta repartição compreende: 1 coronel, 1 tenente-coronel, 2 majores e 2 capitães do corpo do estado maior; 1 capitão de cada uma das armas, infantaria, cavalaria, artilharia e engenharia.

A 2.ª repartição trata da *instrução geral do exército e instrução superior dos oficiais*, tendo o seu pessoal:

1 coronel e 1 tenente-coronel d'infantaria, 1 major do corpo do estado maior, 1 major de cada uma das armas, de cavalaria, artilharia e engenharia, e 1 oficial da intendência.

A 3.ª repartição ocupa-se das *organizações de campanha*, estudo dos teatros d'operações, planos de campanha e projectos d'operações, planos de concentração, plano geral de defesa nacional, estudo de todas as vias de comunicação, viagens d'estado maior e grandes manobras e utilização dos trabalhos geográficos e topograficos do Depósito de Guerra.

O seu pessoal consta de 1 coronel, 1 tenente-coronel e 3 majores do corpo do estado maior, 1 major d'artilharia e outro de engenharia.

A 4.ª repartição trata de *armamento, material, indústrias e serviços da rectaguarda*. Portanto, esta repartição tem a seu cargo tudo que diz respeito à adoção das armas e ao seu muniamento, à aquisição de material, às condições gerais do equipamento e vestuário, à mobilização das indústrias, aos estudos dos recursos do país relativamente às matérias primas utilizáveis nas indústrias militares, às necessidades e meios de importação, à constituição de depósitos centrais, regionais e regimentais, à organização dos serviços da rectaguarda, ao estudo e preparação dos serviços de abastecimentos de víveres e material sanitário do exército em campanha, relações com as instituições sanitárias civis e utilização dos seus serviços na guerra.

O pessoal para êstes serviços consta de: 1 coronel e 1 tenente-coronel d'artilharia, 1 capitão d'engenharia, 1 sub-inspector de saúde e 1 major d'infantaria.

A 5.ª repartição trata de *estatística e requisição e estudo dos exércitos estrangeiros*. O seu pessoal compreende: 1 coronel e 1 tenente-coronel de cavalaria, 1 major d'infantaria, 1 ma-

jor da intendência, 1 capitão do corpo do estado maior e outro de artilharia.

A 6.^a repartição trata da *fortificação, comunicações, informações militares do estrangeiro e publicações militares*. É, por intermédio desta repartição que se estabelecem as relações com os adidos militares no estrangeiro, comissionados e adidos militares estrangeiros em Espanha e se redige a revista «*La guerra y sua preparacion*».

O pessoal desta repartição consta de: 1 coronel d'engenharia, 1 tenente-coronel e 1 major do corpo do estado maior, 1 médico, 4 oficiais tradutores.

Vê-se por esta rápida análise a importância que foi dada ao estado maior central pelo ministro La Cierva, notando que foi um ministro civil que deu a êste órgão do exército, a importância que deve ter na organização e funcionamento das instituições militares.

Como consequência das novas atribuições, vamos vêr já um dos importantes trabalhos do estado maior central.

(Continúa)

V. J. CESAR.



BATALHA DE VERDUN ¹

(Segundo a versão francesa)

De 1 de Janeiro a 30 de Abril de 1918

O começo do ano de 1918, não trouxe modificação nenhuma especial à recíproca situação dos exércitos francês e alemão em frente de Verdun, e, até princípios de Março, as condições atmosféricas da época não permitiram operações de maior vulto às tropas de infantaria.

Escaramuças contra pequenas patrulhas de reconhecimento; ataques rápidos, em que se empenhavam fracções de efectivo reduzido, sobre um ou outro ponto das linhas adversas, constituíram o carácter geral da luta neste período até princípios de Março.

No próprio dia 1 de Janeiro, tiveram os franceses que repelir pequenas ofensivas alemãs nos sectores de Bezonvaux e Caurières, na margem direita do Mosa.

Nos dias seguintes, continuaram os golpes de mão sobre os pequenos postos e trincheiras avançadas.

Em 8, efectuaram os franceses uma ofensiva mais enérgica no Woëvre, a N. de Seicheprey ², a qual lhes permitiu penetrar nas organizações defensivas alemãs, numa extensão de 1:500 metros, fazendo 178 prisioneiros.

Entre 10 e 16, manifestou-se grande actividade de fogo de artilharia e os alemães pronunciaram vários ataques contra o bosque de Chaume e alturas de Oie, ataques que fôram todos repelidos.

No dia 25, algumas patrulhas alemãs tentaram aproximar-se das posições francesas do bosque de Caurières, mas dominadas pelo fogo violento dos defensôres, fôram forçadas a bater em retirada.

¹ Continuado de pag. 287 da *Revista Militar* n.º 5 de 1918.

² O sector de Seicheprey no Woëvre é um dos que presentemente está confiado às tropas americanas.

No resto de Janeiro e durante todo o mês de Fevereiro, apesar de em 21 dêste, passar o 2.º aniversário do início da denominada *batalha de Verdun*, reinou relativo socêgo nesta região, não ocorrendo qualquer acção digna de registo.

Com o mês de Março voltou a reacendêr-se mais a luta.

No dia 4, apesar de uma violenta tempestade de neve, os franceses tomáram a ofensiva executando com exito uma importante incursão nas linhas adversas que compreendiam a trincheira de Calonne, sôbre as Alturas do Mosa, na margem direita.

As tropas atacantes conseguiram atingir a quarta linha alemã, penetrando numa frente de 1:200 metros por 500 de profundidade, fazendo 156 prisioneiros pertencentes a três regimentos diferentes e apoderando-se de numeroso material de guerra.

A esta ofensiva, corresponderam os alemães, executando no dia 6, e dêside o romper da manhã, um violento ataque contra as posições francesas do ângulo S. do bosque de Cheppy, a O. de Avocourt, na margem esquerda do Mosa.

A defesa dessa parte da linha estava confiada a um batalhão de um regimento francês constituído por soldados recrutados na região do Auvergne, o qual não tivera ainda ocasião de se distinguir notávelmente dêside o começo da guerra.

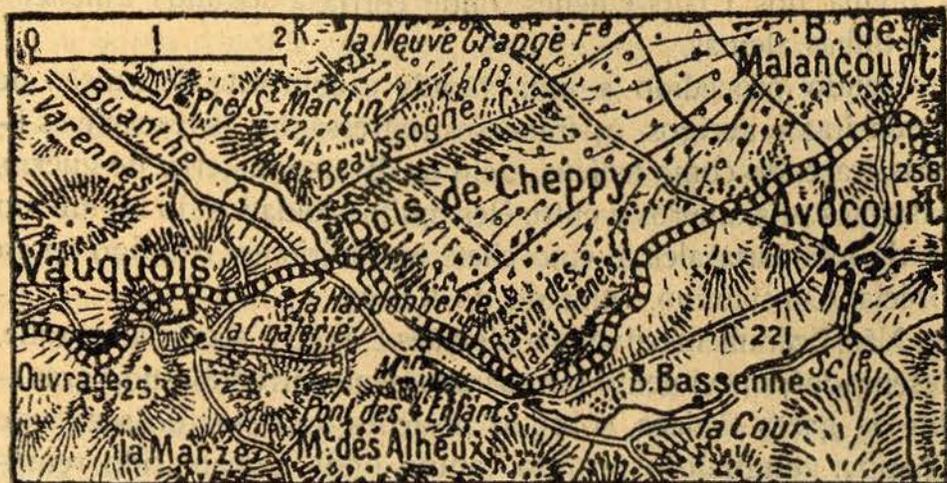
Após três dias de furioso bombardeamento, quer com morteiros de trincheira, quer com obuzes, vizando os projecteis dêstes, especialmente os dois pontos de apoio principais da posição, o ataque desencadeou-se na manhã do dia 6, precedido ainda de um intenso fogo de metralhadoras.

Quatro companhias alemãs, divididas em 8 pelotões todos comandados por oficiais, executáram o assalto, lançando-se simultâneamente sôbre a frente N. do saliente do bosque de Cheppy e sôbre o flanco voltado a O.

Parte dos atacantes do lado N. foi dêside logo repelida pelo fogo; parte conseguiu penetrar nuns elementos de trincheiras francesas, cujos defensôres tinham sido mortos durante o bombardeamento e o resto logrou alcançar o vale do Buanthe, diligenciando efectuar um movimento envolvente, mas, como não conseguisse ligar-se às outras fracções, a tentativa de envolvimento abortou.

A situação foi rápidamente restabelecida pelos defensôres, para o que contribuíu especialmente a resistência oposta pela

sua artilharia de trincheira. Os atacantes tiveram afinal de retroceder, abandonando 16 mortos, entre êles 4 oficiais e perdendo 4 prisioneiros, um dêles também oficial.



Primeira linha alemã

Posições do ângulo Sul do bosque de Cheppy

A êste ataque corresponderam por sua vez os franceses, fazendo executar uma enérgica ofensiva nos dias 16 e 17, ao citado regimento do Auvergne, no centro e nos extremos de um sector de 9 a 10 quilómetros de extensão. A acção principal foi a do centro, a que correspondia, como ponto de partida para o ataque, o ângulo S. do bosque de Cheppy, desenvolvendo-se sôbre 450 metros de frente e próximamente 400 de profundidade, procurando os franceses atingir a trincheira alemã de apoio, onde se deviam encontrar os postos de comando de companhia e de pelotão.

À esquerda deveria ser atacada a obra a O. de Vauquois e à direita os franceses visávam a orla S. do bosque de Malancourt, sôbre uma frente de 1:200 metros, com o fim de atingirem a trincheira inimiga de apoio, a 800 metros do ponto de partida do ataque.

A preparação da artilharia começou às 10 horas da manhã do dia 16 de Março e com igual intensidade sôbre cada um dos três objectivos, afim de manter os alemães na incerteza sôbre qual dêles seria pronunciado o assalto.

Para melhor desorientar o inimigo, os franceses só atacaram naquêle dia no centro, reservando os ataques laterais para 17.

Pelas 18 horas da tarde do dia 16, julgando suficiente a preparação da artilharia, as tropas francêsas lançaram-se ao assalto das trincheiras inimigas e atingiram, como lhes fôra prescrito, a ravina dos Clairs-Chênes, onde corria a segunda trincheira das linhas alemãs.

Tendo procedido a uma rápida e completa destruição de trincheiras e abrigos, os franceses regressáram às respectivas linhas, trazendo como troféus, além de diverso material de guerra, bastantes prisioneiros e entre êles muitos soldados do regimento 88 da infantaria alemã, cujo chefe honorário era o antigo rei da Grécia, Constantino, cunhado do Kaiser.

Não ficáram inactivos os alemães e, logo a seguir ao ataque, desencadeáram violento bombardeamento, arremessando granadas de gases tóxicos, sôbre as posições francêsas do sector de Cheppy, atingindo o próprio campo onde haviam sido reunidos os prisioneiros alemães feitos horas antes.

Na manhã do dia 17, os franceses completáram a operação iniciada na tarde anterior, atacando as organizações defensivas a O. de Vauquois e simultâneamente a orla S. do bosque de Malancourt, depois de novo bombardeamento.

Sôbre Vauquois avançou apenas um pelotão de 40 homens, dividido em dois grupos, executando um rápido *raid*, conseguindo destruir trincheiras e abrigos e apoderar-se de uns 10 prisioneiros.

Contra Malancourt a operação teve maior amplitude e exigiu maiores efectivos, pois se desenvolveu numa frente de 1:200 metros.

As fracções atacantes, divididas em duas vagas de assalto, iniciáram êste às 5^h 45^m da manhã e, hora e meia depois, tinham atingido e até ultrapassado um pouco os respectivos objectivos, distantes 800 metros do ponto de partida.

Antes das 8 horas regressáram a êste, conduzindo 85 prisioneiros e tendo preenchido a missão que lhes fôra confiada, que, tanto para os ataques dêste dia, como para o da véspera, consistia em colher prisioneiros e efectuar destruições.

Quanto aos primeiros, o total aprisionado nos dois dias, montou a 170 homens, entre os quais apenas um aspirante a oficial; quanto às destruições, afirmam os franceses, que êlas fôram tão completas, que para restabelecer as organizações defensivas, tal como estâvam, os alemães deveriam consumir alguns meses de trabalho.

Além do bombardeamento, logo desencadeado na noite de 16/17 sobre as posições de Cheppy, os alemães iniciaram desde a noite imediata um bombardeamento geral e intenso sobre todos os sectores franceses a N. de Verdun.

A seguir e desde o dia 18, as posições de Samogneux, a N. do bosque de Cauières e nos arredores de Bezonvaux, foram atacadas por patrulhas de fortes efectivos, as quais nalguns pontos conseguiram penetrar nas linhas adversas. Mas, sob a violência do fogo da defesa, os atacantes experimentaram tão pesadas perdas, que afinal foram forçados a retroceder, sem aguardarem o contra-ataque dos defensores.

Até o fim de Março, nenhuma outra operação de qualquer importância ocorreu em torno de Verdun, e esta relativa tranquilidade prolongou-se durante todo o mês de Abril, perturbada apenas pelo canhoneio da artilharia e por uma ou outra escaramuça de patrulhas.

No dia 20 de Abril, os alemães atacaram a aldeia de Seicheprey, situada no Woëvre, a E. de Saint-Mihiel. A defesa dessa povoação e dos sectores adjacentes, estava em parte confiada a tropas americanas. No primeiro ímpeto, os atacantes conseguiram repelir os defensores e a linha aliada recuou um pouco. Refeitos do ataque, os franceses e americanos executaram um enérgico retôrno ofensivo, conseguindo restabelecer a sua primitiva linha e fazendo os americanos alguns prisioneiros.

Em 21 de Março, começara a grande ofensiva alemã entre os rios Scarpa (próximo e a N. de Arras) e Oise, ofensiva que mais tarde se estendeu também para o N. de Arras e sucessivamente para entre o Aisne e o Marne.

Com alternativas de exito continúa proseguindo essa poderosa ofensiva, mas a região de Verdun, mantida fóra da zona da investida dos exércitos do marechal Hindemburgo, não foi por emquanto teatro de qualquer acção.

(Continúa).

P. S.

Quadro de Honra do Ultramar Português

Baixas na Africa Oriental desde 1914

Mortos em virtude de ferimentos em combate :

Officiais

Major de cavalaria, Luís Frederico de Avelar Pinto Tavares.

» » infantaria, João Teixeira Pinto.

Tenente do 3.º grupo de metralhadoras, Miguel Antonio Ponces de Carvalho.

Tenente do regimento de infantaria n.º 21, Viriato Sertório da Rocha Portugal Correia de Lacerda.

Alferes do regimento de infantaria n.º 5, Adrião Lucas.

» miliciano do regimento de infantaria n.º 18, Levindo Correia Teixeira Vaz Junior.

Alferes do quadro privativo das forças coloniais, Jerónimo Lobo de Almeida Negreiros.

Praças de pré

Segundo sargento do regimento de infantaria n.º 17, Antonio Ambrosio Prata.

Segundo sargento do 3.º grupo de metralhadoras, José França de Carvalho.

Soldado do 2.º grupo de metralhadoras, José Aniceto Junior.

» » 3.º » » » Sabino Lemos Garcia.

» » » » » Augusto Pereira de Pinho.

» » 4.º » » » Manuel Isidoro.

Primeiro cabo da 7.ª companhia indígena de Moçambique, Antonio Manuel Filho.

Mortos por doença adquirida em serviço de campanha:

Official

Alferes miliciano da administração militar, Alfredo Martins de Carvalho.

Praças de pré

Batalhão de telegrafistas de campanha:

Soldado n.º 303, da 3.ª companhia, Joaquim Marques Fonseca.

» » 142, » 4.ª » Antonio da Silva Inácio.

» » 438, » » » Paulo Aires.

Regimento de artilharia de montanha :

Soldado n.º 766, da 1. ^a bateria,	José Pinho.
» » 771, » » »	Domingos Serafim Henriques.
» » 820, » » »	Manuel Costa.
» » 856, » » »	Manuel Teodoro.
» » 904, » » »	Augusto Martins.
» » 905, » » »	Antonio José da Rocha.
» » 908, » » »	Antonio de Almeida.
» » 909, » » »	José Martins.
» » 910, » » »	Francelino Martins.
» » 919, » » »	Inocência Alves Rodrigues.
» » 928, » » »	Américo Soares Teles.
» » 225, » 5. ^a »	Antonio Lopes Pinhel.
Primeiro cabo n.º 451, da 5. ^a bateria,	Agostinho Rodrigues Alves.
» » » 537, » » »	Paulino Baltasar.
» » » 633, » » »	Jorge Simões.
Soldado n.º 186, da 5. ^a bateria,	Baltasar Antonio Gomes.
» » 438, » » »	Manuel Maria de Carvalho.
» » 445, » » »	Manuel Maria Vaqueiro.
» » 466, » » »	Benjamim da Costa.
» » 458, » » »	Augusto Fernandes Lôbo.
» » 558, » » »	Américo Teixeira Silva.
» » 901, » » »	Resende Ferreira.

Regimento de cavalaria n.º 5 :

Soldado n.º 236, do 3.º esquadrão,	Manuel Alberto.
» » 265, » » »	Julio Isidro Fernandes.
» » 510, » » »	Antonio Viegas Rocha.
» » 732, » » »	Casimiro Amorim.
» » 736, » » »	Joaquim Fernandes.

Regimento de infantaria n.º 6 :

Soldado n.º 549, da 9.^a companhia, Joaquim de Oliveira Santos.

Regimento de infantaria n.º 23 :

Soldado n.º 497, da 1. ^a companhia,	João da Silva Lial.
» » 50, » 9. ^a »	Antonio Silva.
» » 568, » » »	Antonio Ramos Ferrão.
» » 610, » » »	Antonio Lucio.
» » 628, » » »	João Hilario de Sousa.
» » 606, » » »	Manuel Rodrigues Tinoco.
» » 457, » 10. ^a »	Antonio de Oliveira.
» » 479, » » »	Raimundo Chaves.
» » 503, » » »	Antonio dos Santos.
» » 527, » » »	Abilio Joaquim Pedro.
» » 593, » » »	José Augusto de Matos.

Primeiro cabo n.º 473, da 11.^a companhia, Joaquim Santos.

Soldado n.º 423, da 11.^a companhia, Manuel Barroso.

»	»	461,	»	»	»	Antonio Francisco.
»	»	498,	»	»	»	Manuel Silvestre.
»	»	527,	»	»	»	Eduardo Roberto.
Segundo cabo n.º 468, da 12. ^a companhia, José Ribeiro.						
Soldado n.º 165, da 12. ^a companhia, João Almeida.						
»	»	359,	»	»	»	Benjamim Pereira Fanzão.
»	»	422,	»	»	»	José Maria Mota.
»	»	460,	»	»	»	Manuel Fonseca.
»	»	468,	»	»	»	Porfirio António Duarte.
»	»	476,	»	»	»	Manuel Baptista.
»	»	500,	»	»	»	Joaquim Simões Ferreira.
»	»	501,	»	»	»	Custodio Mareneiros.
»	»	564,	»	»	»	Manuel Ferreira.
»	»	414,	»	»	»	Augusto Presídio.
»	»	515,	»	»	»	José de Carvalho.

Regimento de infantaria n.º 24:

Soldado n.º 743, da 9. ^a companhia, Antonio Ferreira Faustino.						
»	»	775,	»	»	»	Manuel de Carvalho.
»	»	333,	»	10. ^a	»	Manuel Fernandes.

Regimento de infantaria n.º 28:

Corneteiro n.º 333, da 9. ^a companhia, Amélio da Silva.						
Soldado n.º 128, da 9. ^a companhia, Manuel dos Santos Novo.						
»	»	393,	»	»	»	Francisco da Silva Gomes.
»	»	453,	»	»	»	Augusto Lemos da Silva.
Primeiro cabo n.º 197, da 10. ^a companhia, Antonio Correia.						
Soldado n.º 438, da 10. ^a companhia, Manuel Antonio.						
»	»	488,	»	»	»	José de Oliveira.
»	»	512,	»	»	»	Artur da Silva.
»	»	450,	»	11. ^a	»	Joaquim Carlos da Rocha.
»	»	453,	»	»	»	João Rodrigues de Sousa.
»	»	472,	»	»	»	Pedro dos Santos Bispo.
Primeiro cabo n.º 479, da 12. ^a companhia, Fernando Francisco Rocha.						
Soldado n.º 498, da 12. ^a companhia, Manuel Henriques Macio.						
»	»	502,	»	»	»	Serafim Pereira Gonçalves.

Regimento de infantaria n.º 29:

Soldado n.º 346, da 9. ^a companhia, Carlos Augusto Ferreira.						
»	»	356,	»	»	»	João Antonio de Sousa.
»	»	681,	»	»	»	Custodio José da Cunha.
»	»	536,	»	11. ^a	»	Antonio Fernandes.
»	»	617,	»	»	»	Artur Tavares.
Segundo cabo n.º 292, da 12. ^a companhia, Augusto do Rêgo.						
Soldado n.º 619, da 12. ^a companhia, Antonio Ferreira Soares Junior.						
»	»	627,	»	»	»	João Martins.
»	»	342,	»	»	»	Adriano José Costa.

Regimento de infantaria n.º 30:

Soldado n.º 76, da 9.^a companhia, César Pires.
 » » 103, » » » José Maria Ferreira.
 » » 405, » 10.^a » José Joaquim Dinis.
 » » 410, » 12.^a » Manuel Ramalho.
 » » 460, » » » Antonio Manuel Morais.

Regimento de infantaria n.º 31:

Soldado n.º 413, da 2.^a companhia, Adelino Francisco de Sousa.
 Primeiro cabo n.º 322, da 5.^a companhia, José Manuel Azevedo.
 Soldado n.º 200, da 5.^a companhia, Guilherme dos Santos Torres.
 » » 327, » » » Leonel Gomes da Silva.
 » » 342, » 7.^a » João Rodrigues.
 » » 358, » » » Antonio José Mendes.
 » » 366, » » » Joaquim Luís de Azevedo.
 » » 244, » 8.^a » José Carneiro Barbosa.
 » » 566, » 9.^a » Joaquim de Almeida.

1.º grupo de metralhadoras:

Soldado n.º 335, da 1.^a bateria, Alder Acácio da Silva.

3.º grupo de metralhadoras:

Primeiro cabo n.º 5, Francisco Pereira de Oliveira.

4.º grupo de metralhadoras:

Segundo sargento n.º 189, da 1.^a companhia, Antonio Vieira.

5.º grupo de metralhadoras:

Soldado n.º 264, da 1.^a companhia, Manuel Rodrigues.

8.º grupo de metralhadoras:

Primeiro sargento n.º 134, da 1.^a bateria, Carlos Augusto Teixeira.
 Segundo » » 192, » » » Alfredo Pereira Pichel.
 Soldado n.º 183, da 1.^a bateria, Antonio Gonçalves.
 » » 186, » » » Domingos Vieira.
 » » 182, » 2.^a » Abel Antonio Freitas.

3.º grupo de companhias de saúde:

Soldado n.º 498, da 3.^a companhia, David Pinto.

1.º grupo de companhias de administração militar:

Soldado n.º 913, da 1.^a companhia de equipágens, Francisco Caeiro.

Corpo expedicionario portuguez

ROL DE HONRA

Baixas em França

Mortos nas datas abaixo indicadas, por ferimentos em combate :

Companhia de Telegrafistas de Praça :

1.º cabo n.º 410, Angelo dos Prazeres Rocha, em 4 de Fevereiro.

Regimento de Artilharia n.º 1 :

Soldado condutor n.º 788 da 1.ª bateria, Carlos Pais Caramuço, em 4 de Fevereiro.

Soldado condutor n.º 721 da 4.ª bateria, Joaquim Mendes Gatinho, em 4 de Fevereiro.

Regimento de Artilharia n.º 8 :

1.º cabo condutor n.º 20 da ? bateria, Manuel Valerio, em 4 de Fevereiro.

Regimento de Obuzes de Campanha :

Soldado n.º 91 da 6.ª bateria, Manuel Ferreira Torres, em 4 de Fevereiro.

Regimento de Infantaria n.º 5 :

Soldado n.º 466 da 1.ª companhia, Joaquim dos Santos Borda d'Agua, em 4 de Fevereiro.

Soldado n.º 699 da 3.ª companhia, Manuel Gonçalves Cerqueira, em 4 de Fevereiro.

Regimento de Infantaria n.º 7 :

Soldado n.º 396 da 3.ª companhia, José dos Santos, em 4 de Fevereiro.

Regimento de infantaria n.º 10 :

Soldado n.º 139 da 2.ª companhia, Manuel do Nascimento, em 13 de Janeiro.

Soldado n.º 158 da 2.ª companhia, Anibal José Espodanodo, em 13 de Janeiro.

Regimento de infantaria n.º 11 :

Soldado n.º 528 da 12.ª companhia, Joaquim Antonio Pontes, em 4 de Fevereiro.

Regimento de Infantaria n.º 16:

Soldado n.º 540 da 1.ª companhia, José Vicente Martins, em 6 de Fevereiro.
 » » 743 » 3.ª » Julio Caetano, em 5 de Fevereiro.

Regimento de Infantaria n.º 18:

Soldado n.º 674 da 1.ª companhia, Constantino Rodrigues, em 4 de Fevereiro.

Mortos desde 17 a 23 de Fevereiro de 1918, por ferimentos em combate:

Regimento de Infantaria n.º 9:

Soldado n.º 157 da 3.ª companhia, Adelino Augusto.
 » » 171 » » » Manuel Loureiro.
 » » 162 » » » Adão Pinto.
 » » 324 » » » José Augusto.
 » » 360 » » » José Augusto.
 » » 361 » » » Armindo de Jesus.
 » » 412 » » » Armindo Teixeira Barroso.

Regimento de Infantaria n.º 12:

Soldado n.º 368 da 1.ª companhia, Miguel da Cruz.

Regimento de Infantaria n.º 14:

Soldado n.º 275 da 1.ª companhia, Adriano de Almeida.

Regimento de Infantaria n.º 18:

Soldado n.º 289 da 3.ª companhia, Joaquim Bailão.

Regimento de Infantaria n.º 19:

Soldado n.º 393 da 2.ª companhia, Francisco Alves.

Mortos nas datas abaixo indicadas, por ferimentos em combate:

Regimento de Sapadores Minelros:

Soldado n.º 382 da 3.ª companhia, Mariano Luiz Marques, em 3 de Março.
 » » 425 » » » Acacio Chainco, em 2 de Março.

Companhia de Telegrafistas de Praça:

Soldado n.º 1.399, Hilario da Silva Sapateiro, em 27 de Fevereiro.

Regimento de Infantaria n.º 19:

Soldado n.º 457 da 1.ª companhia, José Joaquim de Pinho, em 2 de Março.
 » » 314 » 4.ª » Abilio Martins, em 24 de Fevereiro.
 » » 591 » » » Benjamim Joaquim de Sousa, em 28 de Fevereiro.

Regimento de Infantaria n.º 20 :

Soldado n.º 675 da 1.ª companhia, Joaquim Moreira em 1 de Março.

Regimento de Infantaria n.º 29 :

Soldado n.º 512 da 1.ª companhia, José Maria da Cunha, em 24 de Fevereiro.

Soldado n.º 237 da 3.ª companhia, Manuel de Freitas, em 24 de Fevereiro.

Soldado n.º 401 da 3.ª companhia, Francisco da Silva, em 24 de Fevereiro.

Por desastre em serviço :**Regimento de Infantaria n.º 8 :**

Tenente Alipio José Vieira Gomes, em 25 de Fevereiro.

Regimento de Infantaria n.º 11 :

2.º sargento n.º 573 da 11.ª companhia, José Pascoa Limão, em 2 de Março.

(Continúa).



CRÓNICA MILITAR

Estados- Unidos

Alistamento voluntário.—As forças armadas dos Estados-Unidos compreendiam, em 17 de agosto de 1917, 934:141 homens, todos oriundos do alistamento voluntário e distribuídas do seguinte modo:

625:483 homens de tropa de terra;

55:541 oficiais do exército de terra;

224:077 homens de tropa de mar;

29:040 oficiais de marinha.

934:141

DIVERSOS

A fortificação de campanha de cimento armado.—Ninguém ignora que no início da actual conflagração, os grandes projecteis carregados de poderosos explosivos da artilharia alemã, caindo sobre as fortificações de Liège, Namur e Antuerpia, as reduziram, em pouco tempo, a montões de ruínas. E, os técnicos militares, os profissionais do ofício, declararam que a época das fortificações havia passado à história. O betão e o aço já não eram capazes de resistir ao poder da artilharia moderna e os exércitos nas defensivas tinham que se resignar a procurar no terreno a sua salvação recorrendo à protecção dos movimentos da terra, hábil e inteligentemente executados contra um inimigo superior em número e armamento. Esta opinião parece ter recebido a sua sanção nos dois primeiros anos da guerra, em que ambos os beligerantes fizeram um uzo inconsiderado, em gráo jámais conhecido, do terreno.

Mas, coincidindo com a batalha do Somme, os alemães e os aliados, em menor escala, volveram ao emprego dos primitivos formigões de aço, tão prematuramente depreciados.

Assim, a fortificação do formigão de aço resurgiu. Durante os avanços das forças inglesas e francesas em França, descobriram numerosos abrigos, cuidadosamente ocultos na chamada linha de Hindenburg, nos quais se asentaram numerosos canhões, metralhadoras e homens. Esses abrigos eram fortes destacados que detiveram o avanço da infantaria da *Entente*.

Esses fortes constituem pequenos *blockaus* construídos de formigão, reforçado com carrís ou vigas d'aço elevados acima do terreno 1^m,20 a 2^m,0. A face dianteira desses *blockaus* não excedia ordinariamente de 1^m,20 de espessura, ao passo que as paredes laterais acusam uma espessura de 0^m,60, a parede posterior é de menor espessura e, às vezes, de tabique de ladrilhos.

A face frontal ou de combate é provida de uma parêde horizontal, através da qual a metralhadora faz fogo à altura conveniente para poder bater a infantaria contrária, que avança, à altura do peito de um homem.

Como protecção aos estilhaços das granadas e dos schrapnells projectados, alguns *blockaus* alemães estão providos de cintas encouraçadas dispostas de modo que proporcionam o máximo de protecção aos seus ocupantes.

Outro sistema defensivo mais complicado se descobriu nas linhas alemãs, constituindo a última palavra da engenharia militar.

É conhecido sob a denominação de fortaleza *Mebse*, nome derivado das iniciais que, em alemão, formam: *Mechinen Eisen Belun Unterstend*, isto é, *posição subterrânea de formigão armado para metralhadora*.

Uma *Mebse* reduz-se em essência a três fossos circulantes independentes, protegidos por cúpulas e dispositivos nos três vértices do triângulo, alojando cada um sua metralhadora. Estão ligados entre si por uma câmara central subterrânea, a que se chega pela rectaguarda por meio de uma passagem curta e estreita, construída também por-debaixo da terra. Cada fosso de metralhadora tem espaço suficiente para o aparelho, e o homem que a maneja; apresenta uma parêde horizontal a pouca altura do terreno. A colocação dos fossos é estudada de modo a conseguir-se um vasto campo de tiro e a obter-se um fogo enfiado muito eficaz contra tropas que avançam.

Na câmara subterrânea estão alojadas as munições, a qual serve igualmente de abrigo ou refugio à guarnição quando o fogo de artilharia do atacante a isso obriga.

Compreende-se que os fossos ou *Metralhadaras Meln* estão cuidadosamente occultos, ficando invisíveis até que os atacantes penetrem em seu campo de tiro. Nos últimos modelos, êsses fossos elevam-se ou descem à vontade, permitindo a cúpula ficar levantada e em posição de fogo, quando o fogo da artilharia contrária tiver cessado e a infantaria adversa estiver ao alcance de seus fogos: no caso contrário, a cúpula desce e esconde-se.

Para a artilharia, os alemães construíram abrigos de formigão e se não generalizaram êsse processo à sua artilharia pezada, é devido à dificuldade em desmontá-la e transportá-la rapidamente dos abrigos, no caso de uma retirada forçada.

Assim, as peças mais peizadas de artilharia, ficam mais ou menos expostas ao fogo dos canhões aliados ao passo que as de campanha se resguardam em abrigos semelhantes aos das metralhadoras, os quais apresentam uma grossa camada de formigão no tecto para proteger o canhão do fogo por grandes ângulos de elevação, e dispendo de um peito frontal para as granadas de trajectórias rasantes.

É quasi impossível, durante o desenrolar de uma batalha, o deslocamento das peças montadas nestas instalações de formigão para outros pontos, sendo quasi sempre obrigados a abandoná-las ao inimigo no caso de uma retirada não voluntária.

Diz-se que os alemães só colocam nestas instalações canhões velhos, gastos, o que parece verosímil, atento a que dêles se utilizam para repelir ataques de infantaria a muito pequena distância, caso em que os canhões estriados são aptos para, nestas condições, atirar os schrapnells com sufficiente exactidão.

Os canhões de médio calibre assentam-se em abrigos especiais.

As peças de campanha 77^{cm} agrupam-se em abrigos compostos de uma série de áreas de formigão. Em ambos os casos a face frontal fica descoberta e os artilheiros são obrigados a protegerem-se contra o fogo horizontal, por meio de parapeitos de terra e placas de blindagem.

Os roedores e a febre das trincheiras. — Segundo o *British Medical Journal*, de 16 de agosto de 1917, a chamada *febre das trincheiras*, que ataca de preferência as tropas recentemente chegadas, pode ser transmitida pelos roedores e outros mamíferos semelhantes. Nas trincheiras pululam os ratos e os musuranhos, atraídos pelo abrigo que lhes proporciona e pelos restos de matérias alimentícias que ali abundam.

Os ratos são portadores de diversos *virus*, como está scientificamente constatado.

Sabe-se o papel que êsses roedores e as pulgas desempenham na propagação da peste bubónica e sua co-participação no desenvolvimento do *seko-der*, febre consecutiva à mordedura de ratos; como se conhece a sua intervenção na disseminação de triquinosis, é natural suspeitar-se que tanto êles como os coelhos podem ser transmissôres do *virus* da raiva.

As messuranhas, insectos abundantíssimos em certas regiões, podem igualmente contribuir para a propagação de várias enfermidades e actualmente mais que os ratos para a febre das trincheiras.

Devido à sua pouca resistência aos agentes patogénicos, êsses insectívoros não resistem às epidemias mortíferas.

As corujas contribuem para diminuir o seu número, caçando-os nas próprias linhas de fogo. Mas, apesar dêsses dois agentes destruidôres, ficam ainda em quantidade suficiente para contaminar as trincheiras.

A falta de couro para o calçado e a procura de sucedâneos. — É sabido que em consequência da grande escassês de couro, o preço do calçado se tem elevado extraordinariamente. Esta situação pouco animadôra, que se tem ido sempre agravando, produziu na indústria do calçado um nervosismo, uma angustiada procura de cabedal, que tem dado motivo a sérias preocupações.

A Alemanha, a Austria, a Italia, a França, a Inglaterra e os Estados-Unidos, encontram-se em condições devêras críticas, pois que todos os govêrnos dêsses países proibiram a exportação dêste artigo e quâsi todos os Estados requisitam esta matéria prima para satisfazer as necessidades do Exército. Os industriais não sabem, pois, a quem se dirigir para obter o cabedal necessário para ocorrer às exigencias da população civil.

Os industriais franceses, e muito particularmente os de Marselha, lembraram-se de se dirigir ao Japão, não para a compra de couros, mas sim para o fornecimento de calçado feito, e nutrem fundadas esperanças de que as negociações iniciadas dêem bom resultado, de modo que a actual situação é susceptível de melhorar. Com efeito, o Japão é o único Estado em que ainda não vigora a requisição dêste artigo, e onde, segundo as informações fornecidas pelas associações comerciais, os *stoks* de calçado ainda são abundantes, a ponto de permitirem uma certa exportação.

Independentemente, porém, da febril actividade que está sendo desenvolvida, para o aprovisionamento da matéria prima, é interessante seguir—

diz um *magazine* italiano—, os incessantes estudos a que os técnicos se estão entregando, mais ou menos, em toda a parte, para o fabrico de sucedâneos do couro.

É especialmente na Inglaterra e nos Estados-Unidos que estas investigações tem assumido maior importância. Já se criou uma certa quantidade de sucedâneos que fôram batizados com os nomes de boleta, falsikold, weltum, pedite, etc. Infelizmente, a base principal de todos estes sucedâneos é a borracha, e, em consequência do alto preço atingido por esta matéria, o fabrico da nova invenção torna-se quasi que impossível.

Em Munich, onde se abriu ultimamente uma exposição de sucedâneos do couro, pode-se vêr uma infinidade de amostras de botas e sapatos (que nada têm, porém, de comum com os próprios sucedâneos a que acima se allude), feitos de lona impermeável, de lã, de folha entrançada, de linores, de restos de tapetes, de papel comprimido, etc.

As solas de todo este calçado são de madeira ou de papel comprimido, revestidas de uma delgada folha de alumínio, da espessura de um milímetro. Com este método, inventado por um fabricante de Zurich, conseguiu-se obter uma sola bastante flexível, que não tem mais de 2 ou 3 milímetros de espessura, e que é extremamente sólida. Ao que parece, esta camada de alumínio aumenta de cerca de 300 por cento a duração do calçado.

É, porém, difícil de se acreditar que, com estas matérias primas, se possa obter a elasticidade a que estamos habituados no nosso calçado e ainda menos a elegância de feitiço que, para muitas pessoas, é tão indispensável como a elasticidade. A arte de fabricar calçado sem couro está, porém, no seu início, e tudo leva a crêr que, em um período de tempo mais ou menos breve, a indústria terá encontrado os sucedâneos ideais. Todos os amigos dos desgraçados animais que fornecem o couro, regosijar-se-hão com essa descoberta.

(Do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, de Dezembro de 1917).

O impaludismo na guerra.—O corpo expedicionário das forças aliadas no Oriente tem sido flagelado por grande número de casos graves de impaludismo, os quais tem zombado de todos os recursos ordinariamente usados pelos medicos; tais como: sais de quinino por via digestiva ou injeções intramusculares.

A vista desse insucesso clínico, o professor Carnot, e o medico Kerdral estão empregando o método preconizado pelo Dr. Bacceli: aplicação de injeções intravenosas pelos sais de quinino.

Dos resultados obtidos fizeram elles uma interessante e minuciosa comunicação à Sociedade Medica dos Hospitais de Paris.

Os referidos medicos recorrem à solução quinino-uretano, estabelecida de acôrdo com as investigações de Saglio e correspondente à formula:

Cloridrato de quinino.....	0,40 gramas
Uretano.....	0,20 »
Agua distilada	1,00 »

O conteúdo de uma ampola de um centimetro cubico, ordinariamente em

20cm,2 de soro fisiologico e assim se obtem uma concentração a 2 0/0. Esta solução injecta-se lentamente de 3 a 5 minutos.

Em casos muito graves, Carnot e Herdrel empregam quantidades consideraveis de salmos em solução mais concentrada ainda.

Esta ultima preporção obtem-se misturando duas ampolas de meia litro de soro aquecido, morno, no qual se faz dissolver 0,80 gramas de cloridrato de quinino. Essa dose parece ser o limite máximo que se pode ministrar em um dia por via intravenosa; em cinco casos graves, esses facultativos applicaram num periodo de seis dias, injectões, sendo os dois primeiros na dose de 0,80 gramas, nos dois seguintes, na de 0,60 e nos dois ultimos na de 0,40.

Graças a esse método, o professor Carnot conseguiu dominar esses casos graves de impaludismo. Em outras ocasiões, os medicos do corpo expedicionário do Oriente utilisaram-se de soluções coloidais de quinino de 0,002 gramas por cm³ e coloides de prata e ouro. Estas coloides de quinino deram os mais surpreendentes resultados em algumas regiões da America, onde os metodos ordinarios se mostraram improficuos.

(Da *Iberica*, de setembro de 1917).

R. G.

II

PARTE MARITIMA

Inglaterra

Operações no Mar do Norte contra Ostende e Zeebrugge.—Na madrugada de 23 de abril, dia de S. Jorge, padroeiro do Reino Unido, realizou a armada inglesa contra aqueles portos, bases de submarinos alemães, a acção mais arrojada e mais admiravel que durante os tres anos de guerra naval se tem praticado. Nos termos do louvor do próprio Almirantado inglês «a temeridade, disciplina e o notavel despreso pela morte colocam este feito muito alto nos Anais da Marinha, e dão às familias dos que nele pareceram o orgulho da sua memoria».

A força naval que se dirigiu para Zeebrugge compunha-se dos 4 velhos cruzadores *Vindictive*, *Tketis*, *Jntrepid* e *Jphigenia*, o primeiro transportando destacamentos de desembarque, de marinheiros e soldados de marinha, e os outros carregados de cimento; de 2 pequenos vapores auxiliares; de contratorpedeiros ingleses e franceses; de algumas vedetas e de um velho submarino.

As operações deviam ser protegidas pelo nevoeiro artificial produzido pelos navios. O vento, porém, mudou inesperadamente de direcção e dissipando o fumo, deixou os navios expostos ao fogo das baterias do porto, sob o clarão vivo das granadas luminosas.

Nem por isso esmoreceu o animo dos assaltantes, e cinco minutos depois de descoberto, respondendo com toda a artilharia ao fogo do inimigo, o *Vindictive* atracava por fóra do molhe do porto de Zeebrugges, conforme o

plano há muito estudado, enquanto um dos pequenos vapores auxiliava a atracação metendo-lhe a prôa ao costado e apertando-o contra o molhe.

O navio tinha sido provido dum pavimento corrido à altura da ponte, de onde foram lançadas 18 pranchas sôbre a cortina do molhe, pelas quais passaram velozmente e metodicamente os destacamentos de desembarque, transportando o material de demolição preciso para a obra que lhes estava designada, a despeito do fogo das peças e das metralhadoras inimigas que varria o convez, onde logo morreram os dois comandantes dos destacamentos, e a despeito do balanço descompassado do cruzador que levantava as pranchas a uma altura enorme sôbre a muralha, para logo as esmagar de encontro a êle.

Sôbre o molhe erguiam-se barracões servindo de alojamentos e de depósitos, e uma estação de hidroaviões; a sua destruição constituia o objectivo aparente dos destacamentos de desembarque, em parte conseguido à custa das vidas de quasi todos os que os compunham e que, sabendo ao que vinham, para tal serviço se tinham oferecido. O objectivo real era talvez desviar a atenção do inimigo da acção principal, a barragem do canal de Bruges, onde se encontram os estaleiros e as docas dos submarinos.

Com efeito, enquanto o *Vindictive* atracava ao molhe, os outros tres velhos cruzadores, carregados de cimento, contornando-o, entraram no porto e dirigiram-se para a embocadura daquele canal. O *Thetis*, que ia na vanguarda da coluna, teve a infelicidade de encostar a uma das redes de defeza do porto, a qual enroscando-se-lhe no helice, o impediu de atingir o ponto que demandava. Mais felizes foram os outros dois, que, auxiliados pelos sinais do primeiro puderam penetrar no canal e atravessando-se nele fizeram explodir as bombas que levavam no porão, para se afundarem, enquanto o *Thetis*, impossibilitado de manobrar, fazia outro tanto.

Cumprida até ao fim e com o maior exito a sua missão, os sobreviventes, recolhidos pelas vedetas, embarcavam nos contra-torpedeiros.

Pelo seu lado, o velho submarino que acompanhava a expedição, carregado de explosivos, costando o molhe pelo lado do mar foi encostado ao viaducto que o liga à terra e feito explodir depois de abandonado, destruindo-o em uma grande extensão.

Fóra, os contra-torpedeiros que escoltaram a expedição, descobertos também pelas granadas luminosas, sofriam o fogo do inimigo, afundando-se o *North Star*. Este navio e duas vedetas foram as unicas perdas materiais da expedição.

O ataque a Ostende foi realizado por dois velhos cruzadores carregados de cimento, *Sirius* e *Brilliand*, acompanhados por vedetas, as quais, aproximando-se das cabeças dos molhes, acenderam fachos para indicarem a posição aos cruzadores, ao passo que produziram cortinas de fumo para os encobrirem do inimigo. A mudança do vento, que tão desastrosas consequências teve em Zeebrugge, prejudicou completamente a projectada operação de barragem do porto de Ostende. Com efeito, descobertos os fachos, concentrou o inimigo o fogo sôbre as vedetas, apagando-se aqueles. Os cruzadores, tendo perdido a posição, encalharam, e as guarnições tiveram de os abandonar sem poderem realizar o objectivo que visavam.

BIBLIOGRAFIA

I—LIVROS

França

- 1 LINTIER (P.). — *Avec une batterie 75. Le Tube 1233. Souvenirs d'un chef de piece.* (1915-1916). Précédé de souvenirs sur Paul Lintier, par Henri Béraud. Paris, impr. libr. édit. Plon-Nourrit et C.^{te} 1917. (10 novembre). In-16, xxii-289 p. et portrait Fr 3,50
- 2 HANOTAUX (G.) de l'Académie française. — *Histoire illustrée de la guerre de 1914.* Fascicules 73 et 74. Paris, impr. G. Malherbe et C.^{te} «l'Édition française illustrée» (Gounouilhou, édit.), 30, rue de Provence. 1917. Deux fascicules in-4 à 2 col de 24 p. de texte et d'illustrations. N.^o 73, p. 161 à 184; n.^o 74, p. 175 à 208. Le fascicule, net, Fr. 1
- 3 GUILLET (lieutenant A.). — *Manuel à l'usage du soldat mitrailleur* Limoges, impr. et libr. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 64 p. Cent. 75
- 4 GUILLOT (E.) agrégé d'histoire, professeur honoraire au lycée charlemagne, secrétaire de la Société de Géographie commerciale de Paris. — *Précis de la guerre de 1914.* Tome 1.^{er} (Août 1914-octobre 1915). Paris, impr.-libr.-édit. Marc Imhaus et René Chapelot, 30, rue Dauphine-Nancy, même maison. 1917. (19 novembre). In-16, vii-342 p.
- 5 MITRAILLEUSE (la) Maxim. *Combat de la compagnie de mitrailleuses allemande.* 13^e édition. Limoges, impr. et libr. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 67 p. avec fig. Cent. 75
- 6 Règlement de manœuvre de l'artillerie à pied. *Service des bouches à feu de siège et de place. Matériels de siège et place.* Canons de 155 L et de 120 L sur affûts de siège et place. Canon de 115 courts sur affûts modèle 1881. Canon de 220 sur affût modèle 1880. Canons de 95, de 90 et de 89 sur affûts de siège et place et sur affûts de campagne. (Approuvé par le ministre de la guerre le 9 juin 1914). Mis à jour avec la feuille rectificative n.^o 1 du 8 juin 1915. Limoges, impr. et libr. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 227 p., avec fig. Fr. 2
- 7 *Règlement sur les sections de mitrailleuses d'infanterie dotées de mitrailleuses modèle 1907 transformées.* Approuvé par le ministre de la guerre, le 25 novembre 1912. Mis à jour le 15 mars 1916 et avec les feuilles rectificatives n.^o 1 du 31 décembre 1916, et n.^o 2 du 30 avril 1917. Tome 2. Matériel. Limoges, impr. et libr. Henri Charles Lavau-

- zelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 134 p. avec fig. Fr. 1,75
- 8 *Règlement sur les sections de mitrailleuses d'infanterie* (mitrailleuses et affûts, modèle 1907). Approuvé par le ministre de la guerre, le 25 novembre 1912. Tome 1.^{er} Manoeuvre et Tir. Limoges, impr. et libr. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 72 p. avec fig. Cent. 75
- 9 *Règlement provisoire de manoeuvre de l'artillerie de montagne*. Approuvé par le ministre de la guerre le 14 novembre 1912. Titre V, l'Artillerie de montagne dans le combat. Titre VI, Instruction de la batterie portée. Titre VII, Service de l'artillerie de montagne en campagne. Limoges, impr. et libr. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 117 p. avec fig. Fr. 1,75
- 10 *Règlement sur les sections de mitrailleuses Hotchkiss modèle 1914 sur affûts trépieds, Hotchkiss modèle 1914 ou sur affûts trépieds, modèle 1907 type C et modèle 1915 type omnibus*. Approuvé par le ministre de la guerre, le 15 novembre 1916, et mis à jour avec la feuille rectificative n.º 1 du 30 avril 1917. Tome 2. Matériel. Limoges, impr. et libr. Henri Charles-Lavauzelle. Paris, libr. de la même maison, 124 boulevard Saint-Germain. 1917. In-12, 102 p. avec fig. Fr. 1,75

Inglaterra

- 1 ASHMEAD-BARTLETT (E.) *Some of my Experiences in the Great War*. Cr. 8vo, pp. 187. *Newnes* net 3/6
- 2 ASTON (Major-General Sir George). *The Triangle of Terror in Belgium*. Cr. 8vo, pp. 117. *J. Murray* net 2/6
- 3 CABLE (Boyd) *Front Lines*. Cr. 8vo, pp. 320. *J. Murray* net 6/
- 4 CALLAN (J. C.) *With Guns and Wagons. A Day in the Life of an Artillery Chaplain*. Cr. 8vo, pp. 24. *S.P.C.K.* net 3d
- 5 DOYLE (Arthur Conan) *British Campaigns in France and Flanders* (Vol. 3). 1916. 8vo, pp. 411. *Hodder & S.* net 6/
- 6 FORTESCUE (Hon. J. W.) *British Campaigns in Flanders. 1690-1794. Being Extracts from «A History of the British Army»*. 8vo, pp. 411. *Macmillan* net 8/6
- 7 GIBBS (Philip) *From Bapaume to Passchendale, 1917*. Cr. 8vo, pp. 391. *Heinemann* net 6/
- 8 *Glossary of Aviation Terms. Termes d'Aviation*. Compiled by Lieut. Victor W. Page and Lieut. Paul Montariol, French Flying Corps. Cr. 8vo, pp. 94. *C. Lockwood* net 5/
- 9 HARGRAVE (John) [«White Fox»] *The Totem Talks*. Illustrated by the Autor. Cr. 8vo, pp. 96. *Pearson* swd., net 1/; 2/
- 10 HERVIER (Paul L.) *The American Volunteers with the Allies*. Cr. 8vo, pp. 319. *La Nouvelle Revue* 4/6
- 11 *Hints for R.A.M.C. Officers*. By «Ramcorps». 18mo, pp. 56. *W. Bryce* net 1/
- 12 HURD (Archibald) *The British Fleet in the Great War*. 8vo. pp. 275. *Constable* net 7/6

- 13 JOHNSON (Stanley J.) *The Flags of Our Fighting Army*. Cr. 8vo, pp. 150. Black net 3/6
- 14 JUDSON (Harry Pratt) *The Threat of German World Politics*. «The University of Chicago War Papers», No. 1. 8vo, swd. Chicago Univ. P 3d
- 15 LEARY (L. P.) *New Zealanders in Samoa*. Cr. 8vo, pp. 225. W. Heinemann net 6/
- 16 LIVEING (Edward G. D.) *Attack. An Infantry Subaltern's Impressions of July 1, 1916*. With an introduction by John Masefield. Cr. 8vo, pp. 86. Heinemann net 1/6
- 17 MARGERISON (John S.) *The Hungry Hundred* (Royal Naval Reserve). Cr. 8vo, pp. 189. Pearson net 4/6
- 18 MASSEY (W. T.) *The Desert Campaigns*. 194. Constable net 6/
- 19 *Mercantile Navy List and Maritime Directory*. 1918. Corrected to December 31, 1917. From Official and other Sources by Charles H. Jones. 8vo, pp. 1050. Spottiswoode 18/
- 20 MUIR (Corporal Ward) *The Happy Hospital*. Cr. 8vo, pp. 155. Simpkin net 1/6
- 21 OXENHAM (John) *High Altars. The Battlefields of France and Flanders as I Saw Them*. 18mo, swd., pp. 78. Methuen net 1/3
- 22 *Practical Flying. Complete Course of Flying Instruction*. With an introduction by Major-General W. S. Brancker. By Flight-Commander W. G. McMinnies. Illustrated by Flight-Lieut. E. L. Ford. With a chapter on the Medical Aspects of Aviation by Graem Anderson. Cr. 8vo, pp. 245. Temple Press, Ltd. Wholesale Agents, E. J. Larby net 3/9
- 23 PRICE (Crawford) *Serbia's Part in the War*. Vol. 1. The Rampart against Pan-Germanism. 8vo, pp. 259. Simpkin net 7/6
- 24 RADIGUET (Rene) *The Making of a Modern Army, and its Operations on the Field*. Translated by Henry P. du Bellet. Cr. 8vo. Putnam net 7/6
- 25 ROOT (Elihu) *The United States and the War. The Mission to Russia — Political Addresses*. Collected and edited by Robert Bacon and James Brown Scott. Roy. 8vo. H. Milford net 10/6
- 26 *Some Reasons for Steadfastness*. Written and Compiled by William Corner. Cr. 8vo, pp. 40. Author 3d
- 27 SPEDDING (Major J. C.) *A General Guide for Acting-Paymasters and Posting Clerks compiling Loose Leaf Ledger Accounts*. W. 3085 and W. 3086 in Army Pay Offices. Cr. 8vo, pp. 43. Army Pay Office (Chatham) 7d
- 28 SUTTON (Edward) *The Fitting Out and Administration of a Naval Hospital Ship*. 8vo, pp. 117. J. Wright net 8/
- 29 SYKES (Rev. H.) *A Soldier's Handbook of Palestine and Jerusalem*. Salient Points in the Geography, History, and Present-Day Life of the Holy Land. With 2 Maps. 18mo, pp. 64. Hodder & S. net 10d
- 30 *With the R.A.M.C. in Egypt*. By «Sergeant-Major». 8vo, pp. 316. Cassel net 6/
- 31 *Women War Workers*. Edited by Gilbert Stone. With a foreword by Lady Jellicoe. New edition. Cr. 8vo, pp. 320. Harrap net 2/9

II. — PERIÓDICOS

Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.º 4 de abril de 1918. Balística externa. A guerra submarina. Antiguidades navais. Batalhão de Marinha Expedicionário a Angola. A campanha contra os alemães na Africa Oriental. O navio de comércio.
- 2 *Revista de Artilharia*, n.ºs 163 a 165 de janeiro a março de 1918. Coronel Nunes Gonçalves. Notas que trouxemos de França. A guerra europeia—Diário da Guerra. Variedades. Noticiário. Bibliografia.

Brazil

- 1 *O tiro de guerra*, n.º 4 de abril de 1918. 21 de abril. O juramento dos atiradores-reservistas. Valor de um simbolo. Os atiradores e a disciplina militar. Circular aos Inspectores de tiro e instrução militar. O recruta. A emulação. O sorteio militar. Do verdadeiro atirador. A fadiga das marchas. O concurso de maio. Reconhecimento pela infantaria. Exames de reservistas. Sobre a educação física militar. Os sports. O tiro nos Estados—n.º 5 de maio. 24 de maio. O soldado brasileiro. Rio Branco. Tiro 109. General Osorio. Palavras ao tiro 14. A margem do sorteio. Episodios militares. Instruções para o concurso de 24. Sobre a educação física-militar. A instrução nos collegios. Pritaneu militar. O tiro nos Estados. Notas sobre a instrução de tiro. Instruções para as sociedades de tiro, Sports.

Colombia

- 1 *Memorial del Estado Mayor del Ejército de Colombia*, n.º 68 de fevereiro de 1918. El oficial como educador de tropas. Aforo de corrientes. A través de la prensa extranjera.—N.º 69 de março. El sonido. Influencia atmosferica en el tiro de artilleria. Assuntos militares. A través de la prensa extranjera.

Chile

- 1 *Revista de Marina*, n.º 364 de março e abril de 1918. Descripción y cálculo completo de una estación radiotelegrafica que le corresponderia a un buque tipo «O Higgins» para tener una mayor eficiencia.—El submarino en nuestros dias. Algunos métodos para preparar la nitroglicerina. Detectores termoelectrónicos. Administracion naval. Estudio de la situacion financiera en que se encuentran actualmente los suboficiales de la Armada y Artilleria de Costa en la zona norte del país. Nuestro personal de radiotelegrafistas. El centenario do Maipo en la seccion armas de guerra y municiones. Chile y su evolucion económica.

Cuba

- 1 *Boletín del Ejército*, n.º 26 de abril de 1918. El ejército chileno. El grupo de ametralladoras atalajadas y su importancia para la division. Los tanks. El camion automovil como medio de transporte en campaña. Miscelanea. De la Gaceta Oficial de la Republica. Decretos y resoluciones. Publicaciones recibidas. Bibliografia.

Espanha

- 1 *Estudios militares*, n.º 5 de maio de 1918. Un pequeno ensayo de General y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería. Estudios acerca de cuestiones organico-militares Ideas acerca de unas bases para reorganizacion de las classes de tropa. Ligeras ideas sobre la utilidad y empleo de los aeroplanos en maniobras y campaña. Algunas observaciones sobre «Historia Militar. Revista extranjera. Revista de la prensa. — N.º 6 de junho. Un pequeno ensayo de General y una mayor aplicación de jefe, oficial, clase y soldado de infantería. Historia politico-militar del Conde de Barcelona D Ramon Berenguer III («el Grande»). Juana de Arco. Algunas observaciones sobre «Historia Militar». Revista extranjera». Revista de la prensa.
- 2 *La guerra y su preparacion*, n.º 5 de maio de 1918. Campaña de Serbia de 1915 y de Rumania em 1916. El ciclismo en el ejército inglés. Procedimientos seguidos para abastecer el ejército inglés com ciertos artigos. Cañon sin retroceso para aviones: sus ventajas sobre la artilleria terrestre. Reorganizacion de la caballeria alemana.
- 3 *Memorial de artilleria*, n.º de maio de 1918. La industria militar belga durante la guerra. Monostaticos o verticales? De Helgoland a Skagerrok. Crónica. Variedades. Miscelánea. — N.º de junho. Lo que puede ser un cañon de largo alcance. Notas sobre el alto mando al tillero. Crónica. Variedades. Miscelánea.
- 4 *Memorial de caballeria*, n.º 23 de maio de 1918. Informacion sobre el Real decreto de Reformas militares. Actualidad de nuestras secciones de obreros. Los perros en la guerra. Cosas de Caballeria. Sobre organizacion. Crónica de la Guerra. — N.º 24 de junho. Informacion sobre el Real decreto de Reformas Militares. Algo sobre Concursos hipicos. Escuelas praticas. Temas. Rumbos Nuevos? Herencia. Estudios sobre organizacion. Crónica de la Guerra.
- 5 *Memorial de infanteria*, n.º 76 de maio de 1918. Coleccion de problemas tácticos del Capitan Batésent. El principio de la cooperation y enlace de las Armas y nuestros vigentes Reglamentos Ejercicio de conjunto com fuego real. Empleo de los explosivos en la guerra. Variedades. Crónica militar.

Estados-Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*, n.º de janeiro a abril de 1918. Strategy. Its principles and practice. Predicting instruments. A field ballistic problem. Conversion table for angular measurements used in artillery Work. With a Trench Mortar Battery on the French Front. Cooperation Between Infantry and Artillery in the British Army. Camp Sanitation in Trench Warfare. Professional Notes. Notices. Book Reviews.

Mexico

- 1 *Boletin de ingenieros*, n.º 2 de fevereiro de 1918. Algo mas sobre los Tanks. Conferencia sobre Atrincheramientos. Algunos datos acerca de la Gran Guerra. Mecánica del Concreto Armado Especificaciones. Determinacion de Alturas por medio del Barómetro.
- 2 *Revista del Ejército y Marina*, n.ºs 1 e 2 de janeiro e fevereiro de 1918. Luctuoso aniversario. Relacion de las calificaciones de los alumnos de la Academia de Estado Mayor. La Marina de Guerra. Apuntes sobre la guerra de «guerrillas». Los perros militares en Mexico. Los perros en la guerra. El Espionaje. Militares. Apuntes sobre balística interior. La electricidad aplicada a la guerra. Algo sobre el nuevo equipo del Ejército. La aviacion considerada como deporte. Organiza-

ción y Reglamento de la «Legion de Honor». Maravillas y revelaciones de la gran guerra. Al margen de los problemas zootecnico-militares de Mexico. Seccion de Geografia e Historia. Seccion Amena.

Noruega

- 1 *Norsk militært tidsskrift*, n.º 5 de maio de de 1918. Stillings krigens ansaker, dens pentidoneiligher. Ar minekesterens historie. Vork kavaleri. Opredholdeise av disciplinen.

San Salvador

- 1 *Boletin del Ministerio de Guerra*, n.º 38 de fevereiro de 1918. Instrucción. Acuerdos del Ministerio de Guerra y Marina. Ordenes generales importantes. Movimiento habido en el ejercito durante el mes de Febrero.

Uruguay

- Revista del Centro militar y naval*, n.º de março e abril de 1918. Nuevamente en la brecha. El nuevo Reglamento de infanteria El arma de caballeria. Apuntes sobre el Arte de la guerra. La seccion y el jefe de seccion en el combate. Notas internacionales. Disciplina e iniciativa. Historia de la guerra. Magnetismo del acero intermediario del buque. Leys de la guerra.



Estados- Unidos

Mexico